



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO DA**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DE BACABAL - (PGLB)**  
**MESTRADO EM LETRAS**

Raina Kathleem Apoliano da Silva Carvalho

**OS ECOS DO SUJEITO: A SUBJETIVIDADE NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA**

BACABAL-MA

2024

Raina Kathleem Apoliano da Silva Carvalho

## **OS ECOS DO SUJEITO: A SUBJETIVIDADE NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador(a): Profa. Dra. Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro

BACABAL-MA

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Apoliano da Silva Carvalho, Raina Kathleem.

OS ECOS DO SUJEITO: : a SUBJETIVIDADE NA PRODUÇÃO  
CIENTÍFICA / Raina Kathleem Apoliano da Silva Carvalho. -  
2024.

78 f.

Orientador(a): Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro.  
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em  
Letras - Bacabal, Universidade Federal do Maranhão,  
Bacabal - Ma, 2024.

1. Subjetividade. 2. Sujeito. 3. Artigo Científico.  
4. . 5. . I. de Oliveira Ribeiro, Mariana Aparecida.  
II. Título.

Raina Kathleem Apoliano da Silva Carvalho

**OS ECOS DO SUJEITO: A SUBJETIVIDADE NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA**

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 28 de junho de 2024, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Dra. Kátia Cilene Ferreira França  
PPGLB/UFMA  
(membro interno)

Prof.(a) Dr. Thomas Massao Fairchild  
UFPA  
(membro externo)

Prof.(a) Dra. Mariana A O Ribeiro  
PPGLB/UFMA  
(presidente)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Letras.

A todos aqueles que, assim como eu, enfrentam o temor do "depois".  
Que este estudo seja uma ponte entre o silêncio e a voz,  
mostrando que cada texto publicado é uma forma de  
enfrentar e transcender nossos medos mais profundos.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por me surpreender com o impossível concreto.

A José Carvalho, parte de mim, por ser meu porto seguro.

A Álvaro Apoliano, por sempre me presentear sorrisos quando estava a escrever este trabalho.

À Mariana Ribeiro, pelo auxílio.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

“Não a nós, SENHOR,  
nenhuma glória para nós,  
mas sim ao teu nome,  
por teu amor e por tua fidelidade!”

(Salmos 115:1)

## RESUMO

Nesta pesquisa tematizamos a subjetividade em artigos científicos publicados em revistas Qualis A1 na área definida pela CAPES como Linguística e Literatura que tematizam sobre subjetividade. Partimos das seguintes questões norteadoras: como a subjetividade se apresenta em artigos científicos publicados em revistas qualis A1 da área de Linguística e Literatura? Qual o papel da subjetividade na construção dos efeitos de sentido nesses textos?. O presente estudo teve como objetivo geral: analisar como a subjetividade se apresenta em artigos científicos publicados em revistas qualis A1, a saber: Cadernos de Estudos Linguísticos da Associação Brasileira de Estudos Linguísticos (ABRALIN) e a Revista de Estudos da Linguagem da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Para tanto, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: verificar como as categorias de pessoa, espaço e tempo são incorporadas aos artigos; investigar como as escolhas linguísticas dos autores contribuem para a construção de seu *éthos* e *páthos* nos artigos científicos analisados; e discutir sobre os efeitos de sentido produzidos com as marcas de subjetividade apresentadas em artigos acadêmicos. A metodologia empregada consistiu em uma pesquisa documental com abordagem qualitativa. Os principais autores utilizados neste trabalho foram: Benveniste (2005), Fiorin (1999) e Agamben (2008). A análise revelou que a linguagem científica, embora busque a objetividade, está permeada por escolhas subjetivas. Mesmo quando o sujeito tenta ocultar sua presença por trás de uma linguagem aparentemente neutra, suas escolhas linguísticas traem sua subjetividade. Além disso, foram identificados elementos linguísticos, como o uso de pronomes pessoais, verbos modais e construções ativas e passivas, que refletem a subjetividade do pesquisador. Esses elementos não apenas descrevem a realidade objetiva, mas também mostram as escolhas interpretativas e os posicionamentos do enunciador.

**Palavras-chave:** subjetividade; sujeito; artigo científico.

## RESUMEN

En esta investigación tematizamos la subjetividad en artículos científicos publicados en revistas Qualis A1 en el área definida por la CAPES como Lingüística y Literatura que tratan sobre subjetividad. Partimos de las siguientes preguntas orientadoras: ¿cómo se presenta la subjetividad en artículos científicos publicados en revistas Qualis A1 del área de Lingüística y Literatura? ¿Cuál es el papel de la subjetividad en la construcción de los efectos de sentido en estos textos? El presente estudio tuvo como objetivo general: analizar cómo se presenta la subjetividad en artículos científicos publicados en revistas Qualis A1, a saber: *Cadernos de Estudos Linguísticos* de la Associação Brasileira de Estudos Linguísticos (ABRALIN) y la *Revista de Estudos da Linguagem* de la Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Para ello, se establecieron los siguientes objetivos específicos: verificar cómo las categorías de persona, espacio y tiempo son incorporadas en los artículos; investigar cómo las elecciones lingüísticas de los autores contribuyen a la construcción de su éthos y páthos en los artículos científicos analizados; y discutir sobre los efectos de sentido producidos con las marcas de subjetividad presentadas en artículos académicos. La metodología empleada consistió en una investigación documental con enfoque cualitativo. Los principales autores utilizados en este trabajo fueron: Benveniste (2005), Fiorin (1999) y Agamben (2008). El análisis reveló que el lenguaje científico, aunque busca la objetividad, está permeado por elecciones subjetivas. Incluso cuando el sujeto intenta ocultar su presencia detrás de un lenguaje aparentemente neutro, sus elecciones lingüísticas traicionan su subjetividad. Además, se identificaron elementos lingüísticos, como el uso de pronombres personales, verbos modales y construcciones activas y pasivas, que reflejan la subjetividad del investigador. Estos elementos no solo describen la realidad objetiva, sino que también muestran las elecciones interpretativas y los posicionamientos del enunciador.

**Palabras-clave:** subjetividad; sujeto; artículo científico.

## LISTA DE QUADROS

|                                                                                     |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Quadro 1:</b> Características gerais dos artigos selecionados inicialmente ..... | 52 |
| <b>Quadro 2:</b> Características dos artigos selecionados para análise .....        | 55 |

## **LISTA DE FIGURAS**

**Figura 1:** Levantamento dos artigos publicados na revista da ABRALIN entre 2018 e 2022 51

**Figura 2:** Levantamento dos artigos publicados na revista da ANPOLL entre 2018 e 2022 ..52

## SUMÁRIO

|          |                                                                                                                         |           |
|----------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
|          | <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                                  | <b>13</b> |
| <b>1</b> | <b>A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA NOÇÃO DE SUJEITO.....</b>                                                                | <b>19</b> |
| 1.1      | DESDE ÉTHOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A FILOSOFIA DA LINGUAGEM EM ARISTÓTELES.....                                           | 19        |
| 1.2      | SAUSSURE E O PANO DE FUNDO DO SUJEITO .....                                                                             | 24        |
| 1.3      | ALGUM PEQUENO LUGAR PARA O <i>EU</i> : PONTOS DE PARTIDA PARA UMA TEORIA DO SUJEITO EM MICHEL BRÉAL E CHARLES BALLY ... | 26        |
| 1.4      | O LUGAR DO SUJEITO: O PERCURSO DE ÉMILE BENVENISTE .....                                                                | 29        |
| <b>2</b> | <b>O DELINEAR DA SUBJETIVIDADE: APORTES TEÓRICOS.....</b>                                                               | <b>35</b> |
| 2.1      | OS ECOS DA SUBJETIVIDADE .....                                                                                          | 35        |
| 2.1.1    | Verbo e pronome: fundamentos da subjetividade linguística.....                                                          | 36        |
| 2.1.2    | Subjetividade: Reflexões a partir da Teoria de Benveniste .....                                                         | 38        |
| 2.1.3    | Linguagem e experiência humana: perspectivas Benvenistianas sobre o <i>eu</i> .....                                     | 39        |
| 2.2      | ENTRE ÉTHOS E PÁTHOS: A PRODUÇÃO DE EFEITOS DE SENTIDO .....                                                            | 41        |
| 2.3      | DE ENCONTRO AO (NÃO) LUGAR SUBJETIVO: O <i>EU</i> NA PRODUÇÃO DO DISCURSO CIENTÍFICO .....                              | 42        |
| <b>3</b> | <b>TRAJETO METODOLÓGICO.....</b>                                                                                        | <b>48</b> |
| 3.1      | DA ESCOLHA DAS REVISTAS .....                                                                                           | 49        |
| 3.2      | DA ESCOLHA DOS ARTIGOS.....                                                                                             | 50        |
| 3.3      | DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE.....                                                                                          | 58        |
| <b>4</b> | <b>A TRADIÇÃO CIENTÍFICA: [APAGAMENTOS DAS] IMAGENS DE SI</b>                                                           | <b>60</b> |
| 4.1      | ESCONDE-ESCONDE DA SUBJETIVIDADE .....                                                                                  | 61        |
|          | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                                        | <b>76</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                                                 | <b>78</b> |

## INTRODUÇÃO

*Ah! É mesmo verdade que morrerei antes do fim do dia? é mesmo verdade que serei eu? Esse ruído surdo de gritos que escuto lá fora, essa onda de pessoas alegres que já se precipitam nos cais, esses gendarmes que se aprontam em suas casernas, esse padre de batina preta, esse outro homem de mãos vermelhas – é tudo para mim! Sou eu que vou morrer! Eu, o mesmo que está aqui, que vive, que se move, que respira, que está sentado a esta mesa, que lembra outra mesa e que poderia muito bem estar alhures; eu, enfim, este eu que toco e cheiro, e cuja roupa faz estas dobras aqui!*

- Victor Hugo

O *eu* diante da morte percebe que ele existe para além dela, apropriando-se de tal pronome para afirmar sua existência. A todo momento, quem fala se apropria desse *eu*. É através dele, no uso da linguagem, que a vivência é instaurada, pois o *eu* no enunciado evoca um *tu* fazendo com que se instaure a experiência humana. O sujeito, no texto de Victor Hugo, se afirma como *eu* e ao mesmo tempo deseja não o ser. Ao mesmo tempo que ele se mostra plural - *que está aqui, que vive, que se move, que respira* – evidenciando ser constituído de vários *eus*, percebemos uma recusa por um *eu*: o *eu* que unifica e corporifica essa pluralidade e que irá morrer.

Tal jogo de pluralidade e unicidade representa um movimento semelhante ao que ocorre na escrita de um texto científico: o sujeito responde ao ritual da escrita científica ao não se chamar *eu*, mas qualquer outra forma linguística, colocando-se alhures para manter uma imagem de objetividade e imparcialidade recorrentes na produção científica. Por outro lado, é sempre possível perceber ecos da subjetividade do sujeito em sua escrita. Os “ecos do sujeito” se referem às perspectivas individuais que inevitavelmente se manifestam na produção escrita do autor. Para elucidar esse conceito, podemos fazer uma analogia com o fenômeno dos ecos no mundo natural: assim como um eco é uma repetição distorcida do som original, os ecos do sujeito na escrita acadêmica são manifestações indiretas da voz do autor, refletidas através de escolhas linguísticas, estrutura de argumentação e interpretação de evidências.

O uso da metáfora ecos do sujeito no título deste trabalho reflete a complexidade da escrita acadêmica: embora se busquem argumentos bem fundamentados e embasados em teorias e modelos aceitos, a subjetividade do autor está sempre presente. Os ecos do sujeito podem aparecer em diferentes formas, como escolhas de palavras, estrutura de frases, uso de exemplos, seleção de fontes e até mesmo em como o autor aborda e interpreta as evidências disponíveis. Por exemplo, a preferência por certos termos ou a ênfase em determinados pontos de vista pode revelar aspectos da personalidade ou inclinações do autor. Ao reconhecer a

presença desses ecos do sujeito na escrita acadêmica, evidenciamos que mesmo a objetividade aparente é permeada pela subjetividade do autor.

É importante destacar que o *eu* pode ser evidenciado também nas entrelinhas do texto, nas entre-imagens, nos sentidos que as palavras e frases podem suscitar, uma vez que a subjetividade está presente tanto na produção quanto na recepção do texto científico. Nesse sentido, consideramos que, ainda que o sujeito busque o distanciamento subjetivo na escrita de um artigo científico, não é possível produzir um texto sem a expressão de uma subjetividade.

Com isso, procuramos compreender como as marcas do sujeito no enunciado, na enunciação constituem a subjetividade e são manifestos em artigos científicos publicados em revistas de qualis A1 da área de Linguística e Literatura.

Temos como objetivo geral analisar como a subjetividade se apresenta em artigos científicos publicados em revistas qualis A1, a saber: Cadernos de Estudos Linguísticos da Associação Brasileira de Estudos Linguísticos (ABRALIN) e a Revista de Estudos da Linguagem da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Para tanto, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: verificar como as categorias de pessoa, espaço e tempo são incorporadas aos artigos; investigar como as escolhas linguísticas dos autores contribuem para a construção de seu *éthos* e *páthos* nos artigos científicos analisados; e discutir sobre os efeitos de sentido produzidos com as marcas de subjetividade apresentadas em artigos acadêmicos.

Compreendemos o conceito de subjetividade a partir da Teoria da Enunciação de Benveniste (2005). Para o autor, a subjetividade é entendida como uma das dimensões fundamentais do ato de enunciação e toda enunciação é marcada pela presença do sujeito, que se constitui como tal quando produz um enunciado. A subjetividade então é compreendida como um dos elementos constitutivos da enunciação, que se relacionam à presença do sujeito falante. Dessa maneira, a subjetividade se manifesta de diversas formas na enunciação. Uma delas é a marcação da pessoa gramatical, que indica a posição do sujeito no discurso (eu, tu, ele, nós, vós, eles). Outra forma de manifestação da subjetividade é por meio da modalidade, que se refere ao grau de comprometimento do sujeito com o conteúdo da fala (afirmação, negação, possibilidade, necessidade etc.).

Para Benveniste, a subjetividade é um dos elementos fundamentais da linguagem, que não pode ser compreendida sem a presença do sujeito. A linguagem não é tão somente um conjunto de signos e regras gramaticais, mas também é marcada pela presença do sujeito que se faz presente por meio da enunciação. Dessa forma, a subjetividade é compreendida como um

dos aspectos centrais da Teoria da Enunciação de Benveniste, que busca compreender a linguagem a partir da relação entre sujeito e discurso.

É por este ângulo que abordamos a subjetividade em artigos científicos publicados em revistas Qualis A1 na área definida pela Capes como Linguística e Literatura que tematizam sobre subjetividade. O Qualis é um sistema utilizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para classificar a qualidade dos periódicos científicos que publicam pesquisas acadêmicas. O Qualis utiliza letras e números para classificar os periódicos em diferentes estratos de qualidade, sendo o A1 a classificação mais elevada que um periódico pode receber. Assim, quando um periódico é classificado como Qualis A1, isso indica que é considerado um dos periódicos de mais alta qualidade, com grande impacto e visibilidade em sua área de atuação.

É relevante destacar também que consideramos a subjetividade como a expressão de um sujeito na enunciação de um dado enunciado. O foco na subjetividade em artigos científicos é dado por conta dessa subjetividade evidenciar que o sujeito *ecoa* em seu próprio texto, o que está em desacordo com a perspectiva tradicional ou ao senso comum científico que concebe o texto acadêmico como produto de uma objetividade científica.

Além disso, justificamos o interesse particular nesse tema em virtude de sua relevância para nossa pesquisa. Ao explorar a presença da subjetividade nos artigos científicos, buscamos compreender como os pesquisadores inserem suas vozes individuais na produção acadêmica, destacando a complexidade das relações entre o sujeito e o texto científico. Essa abordagem não apenas enriquece nossa compreensão da construção do conhecimento científico, mas também oferece uma oportunidade de analisar os artigos como um *corpus* de estudo. Ao utilizar os artigos como fonte de dados, não apenas os consideramos como objetos de análise, mas também como registros das práticas discursivas e das vozes individuais presentes na comunidade acadêmica. Essa função dupla dos textos acadêmicos como levantamento bibliográfico e corpus de análise desacraliza a visão tradicional desses textos, proporcionando uma leitura diferenciada das contribuições científicas existentes.

Percebendo a relevância do artigo científico no desenvolvimento do conhecimento, esta pesquisa destaca elementos que não são tão considerados no fazer científico, principalmente no que concerne à escrita acadêmica, como a marcação de si enquanto sujeito do dizer e a

transposição de elementos que indiciam a constituição do *éthos*<sup>1</sup> do enunciador na escrita, de modo a ser manifesta a subjetividade do sujeito-pesquisador.

Buscando esquivar-nos da percepção do texto acadêmico como uma produção científica objetiva, propomos uma pesquisa que tematize não somente o sujeito, como também a produção acadêmica inserida numa situação interlocutiva em que os pesquisadores estão em posição de avaliados pelas regras da revista. Assim, a palavra do pesquisador está orientada para o interlocutor seguindo determinados padrões para ter seu texto aceito ou não. Os pareceristas da revista, por exemplo, seriam um dos interlocutores aos quais o texto se dirige e, sendo um texto publicado, possui um auditório amplo, como membros de determinada comunidade científica, pesquisadores e especialistas em áreas afins, entre outros.

Tendo como enfoque a linguagem como interação, levando em conta a relação interlocutiva anteriormente mencionada, partimos do princípio de que a subjetividade é inata ao exercício da linguagem, isto é, ela se refere a tudo que envolve o sujeito, consciente ou inconscientemente. Nessa lógica, a subjetividade intervém no texto e produz efeitos de sentido, bem como o discurso afeta e é ponto chave para a constituição do sentido.

Tematizamos a subjetividade pela perspectiva da Linguística da Enunciação, tratando mais especificamente das três categorias da enunciação, a saber: pessoa, espaço e tempo; e do estudo da constituição heterogênea do sujeito. Com isso, tratamos de compreender a organização de tais categorias da enunciação e de examinar os efeitos de sentido produzidos por elas no plano discursivo.

Numa relação interlocutiva, o *éthos* não se separa da enunciação. Nessa lógica, não tematizamos apenas a subjetividade linguística, mas também teorizamos o sujeito de forma a estudar a sua marcação no enunciado, na enunciação e os efeitos de sentido produzidos. Dessarte, analisar a forma como o sujeito se coloca em seu próprio texto e a presença ou não do *eu* no artigo científico publicado torna-se pertinente por evidenciar que esse sujeito recorrentemente vai marcar sua subjetividade, não somente pelo uso do eu, mas também “escondendo-se por trás do véu” dos verbos de terceira pessoa.

Por esse ângulo, mesmo quando se utiliza verbos na terceira pessoa, no intuito de produzir um texto objetivo e imparcial, o sujeito pode estar escolhendo os termos que utiliza

---

<sup>1</sup> Na relação interlocutiva – locutor e interlocutor – as imagens tanto do eu como do tu são transpostas na enunciação como *éthos* e *páthos*, respectivamente. Ou seja, a imagem do locutor/enunciador (*éthos*) vai em direção a imagem do interlocutor/enunciatário (*páthos*) na instância de produção dos enunciados. Na escrita acadêmica, o conceito de *éthos* refere-se à autoridade do autor em relação ao assunto que está sendo discutido. A construção do *éthos* do autor é fundamental para que sua argumentação seja aceita e reconhecida como legítima pela comunidade acadêmica.

para descrever um fenômeno ou processo, o que pode refletir sua própria perspectiva e interpretação dos resultados da pesquisa. Outra maneira pela qual as marcas de subjetividade podem aparecer no texto acadêmico é através da seleção dos exemplos e evidências apresentadas para sustentar um argumento ou afirmação. O autor pode escolher exemplos que sejam mais relevantes ou que suportem sua própria visão do assunto em questão.

Dessa maneira, mesmo quando se utilize verbos na terceira pessoa, o autor pode ainda inserir sua própria voz no texto acadêmico, seja através de citações diretas ou indiretas de outras pesquisas ou através de referências a experiências pessoais relacionadas ao tema em questão. Assim sendo, embora o uso de verbos na terceira pessoa possa *afastar* o sujeito do próprio dizer, as marcas de subjetividade ainda podem ser percebidas no texto acadêmico através do uso de expressões avaliativas, da escolha de termos e exemplos, bem como da inserção da própria voz do autor na pesquisa. Formas essas utilizadas por um sujeito que quer se mostrar uniformizado com o fazer científico.

Duas são as questões problematizadas para nortear esta pesquisa, quais sejam: como a subjetividade se apresenta em artigos científicos publicados em revistas qualis A1 da área de Linguística e Literatura? Qual o papel da subjetividade na construção dos efeitos de sentido nesses textos?.

Alguns aspectos são englobados a respeito desses questionamentos, como o sistema de instalação e “movimentação” de pessoas, tempos e espaços na língua(gem), as categorias da enunciação e os efeitos de sentido que criam no texto escrito e a transposição da imagem de si, o *éthos* do enunciador, na enunciação. A problematização pauta-se – neste estudo das marcas de subjetividade – na análise de como a subjetividade pode se apresentar em dado texto, sendo o sujeito singular que fala do *outro* e que se expressa na subjetividade.

Tais indagações surgem ao considerar que o enunciador conhece o *páthos* do enunciatário ao emitir sua mensagem. Portanto, ao supor as características do público-alvo, o enunciador pode adaptar seu discurso para atender às suas necessidades e expectativas. Dessa forma, certos discursos são aceitos ou rejeitados pelo público com base nesse conhecimento. As características do enunciador, presentes de forma discursiva, são refletidas no texto escrito, uma vez que o discurso contribui para a construção dos sujeitos da enunciação.

Sobre este aspecto é importante destacar que o planejamento de um texto acadêmico envolve a seleção do tema, a definição do problema de pesquisa, a revisão da literatura e a escolha dos métodos e técnicas de pesquisa. A subjetividade do autor está presente na escolha do tema, que pode ser influenciada por suas experiências e/ou interesses pessoais. Além disso, a construção dos conceitos e categorias pode ser influenciada pela perspectiva teórica adotada

pelo autor, que pode enfatizar diferentes aspectos da realidade e produzir diferentes interpretações.

Assim, problematizamos, os modos do enunciador se afastar de seu próprio enunciado para criar uma objetividade e imparcialidade ilusórias, sendo estas as *condições* para a escrita do texto científico. Apesar da produção de tal efeito, buscamos demonstrar que, a exemplo, o planejamento do texto, as formulações, a construção do objeto de pesquisa, os modos de fazer e como fazer são inerentes ao sujeito, o qual é produtor de conhecimento e possui o seu dizer aprovado em revistas legitimadas e legitimadoras.

Tendo em vista a natureza do objeto de pesquisa (as marcas de subjetividade), o objeto de análise (artigos científicos publicados) e os objetivos elencados neste projeto, nos propomos a realizar uma pesquisa documental de caráter qualitativo. Esta pesquisa foi dividida em 4 capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “A constituição histórica da noção de sujeito”, exploramos os debates da filosofia da linguagem para entender como a percepção de subjetividade em Benveniste se desenvolveu ao longo do tempo. Essa análise nos ajudará a compreender os conceitos de *éthos* e *páthos*, fundamentais para nossa pesquisa.

No segundo capítulo, “O delinear da subjetividade: aportes teóricos”, aprofundamos a obra de Émile Benveniste, que analisou como o sujeito se inseria na linguagem por meio do signo linguístico. Em seguida, abordamos as ideias de José Luiz Fiorin sobre a produção de sentido, com foco nos conceitos de *éthos* e *páthos*. Investigamos também o território da subjetividade no discurso científico, com base nas reflexões de Giorgio Agamben e Maria José Coracini.

O terceiro capítulo, “Percurso metodológico”, exploramos os fundamentos da nossa pesquisa, começando pela descrição do processo de seleção das revistas e dos artigos que serão analisados. Em seguida, discutimos as categorias de análise que serão aplicadas ao material selecionado. Por fim, no quarto capítulo, “A tradição científica: [apagamentos das] imagens de si”, apresentamos nossas análises estruturadas em dois momentos distintos: “O sujeito em evidência” e “O sujeito escondido”. No primeiro momento, nos concentramos nos textos em que o sujeito e suas marcas de subjetividade se destacam. No segundo momento, direcionamos nossa atenção para as formas como o autor se oculta por trás de verbos na terceira pessoa e outras estratégias de escrita que buscam transmitir uma aparência de objetividade.

## 1 A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA NOÇÃO DE SUJEITO

O conceito de subjetividade conhecido na atualidade dos estudos linguísticos benvenistianos não surgiu completo e acabado. Dessa maneira, nos questionamos: de que forma se constituiu ao longo do tempo a concepção de subjetividade na linguagem nos estudos da enunciação de Benveniste?. Ainda que na atualidade dos estudos linguísticos haja uma abertura no que se refere à percepção de Benveniste sobre a subjetividade, não há um consenso acerca dessa abertura do pensamento do autor no que concerne às questões para além da análise das marcas linguísticas.

Na abertura deste primeiro capítulo, retornamos aos debates da filosofia da linguagem, traçando um percurso histórico que irá explicar como a percepção de subjetividade em Benveniste foi desenvolvida. Assim, compreenderemos como se constituiu, ao longo do tempo, a concepção de subjetividade na linguagem na teoria da enunciação de Benveniste, evidenciando que o pensamento do autor envolve não somente as marcas linguísticas do sujeito, como também as relações entre língua, homem e sociedade. Este percurso não apenas nos conduzirá à compreensão mais profunda do sujeito na linguagem, mas também lançará luz sobre dois conceitos fundamentais de nossa pesquisa: o *éthos* e *páthos*. É relevante destacar que esta incursão na filosofia se faz necessária, uma vez que é nesse campo que esses conceitos emergiram, oferecendo-nos um arcabouço teórico essencial para nossa análise.

Para tanto, retomamos o debate da filosofia da linguagem em Aristóteles; descrevemos os estudos enunciativos elaborados após o desenvolvimento da linguística enquanto ciência; discutimos brevemente sobre a teoria da subjetividade na linguística da enunciação de Benveniste (tema aprofundado no capítulo teórico seguinte); e verificaremos sobre o que implica a visão do sujeito da enunciação àqueles que se dedicam aos estudos da subjetividade.

Diante disso, traçamos um caminho histórico sobre a concepção de subjetividade na linguagem, tendo como ponto de partida as percepções da filosofia da linguagem em Aristóteles articuladas às linguísticas enunciativas e a teoria do sujeito em Benveniste. Para alcançar esse fim, organizamos este capítulo em quatro partes: a primeira voltada para os primórdios da filosofia da linguagem em Aristóteles; a segunda, que trata do surgimento da linguística como ciência; a terceira, que trata dos primeiros estudos que relacionam o sujeito à linguagem; e a quarta, voltada para os estudos de Benveniste sobre sujeito e subjetividade.

### 1.1 DESDE ÉTHOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A FILOSOFIA DA LINGUAGEM EM ARISTÓTELES

Aristóteles, em sua filosofia, destaca que existe a capacidade mental que distingue o humano de qualquer outro animal. Temos aí uma expressão do humano no pensamento filosófico grego e sobre este repousa a recusa do fictício para se chegar ao encontro da verdade.

A saída do mito como explicação das coisas e a entrada na razão levantou uma questão ontológica para os filósofos gregos: as coisas têm uma essência permanente? (Martins, 2011). Mesmo não estando no centro dos debates filosóficos, a linguagem começou a ser discutida, principalmente, nas concepções tratadas na lógica aristotélica, uma vez que *A Retórica* levanta aspectos relevantes a respeito da elocução, sobre a qual deteremos nosso foco mais adiante.

Aristóteles parte do princípio que existe um elo que une as palavras ao extralinguístico. Em *Da Interpretação*, o filósofo explica a estrutura lógica da linguagem. Para ele, a escrita e os sons não são os mesmos para todos, mas as afecções da alma sim, isto é, a linguagem está subordinada à capacidade racional humana; e o sentido atrelado a uma representação mental. Essa presença de um humano na linguagem evidencia que o exercício da linguagem é humano. Dessa maneira, Aristóteles examina a função da linguagem a partir da concepção lógica (*Da Interpretação*) e abre um campo prático específico para a elocução (*A Retórica*).

Admitir então uma visão sobre a linguagem do ponto de vista lógico implica dizer que há uma base estável para a articulação racional do pensamento. Isso podemos compreender a partir do que afirma Aristóteles em *Da Interpretação* (16a 1-5).

Primeiro, há a necessidade de precisar o que é o nome e o que é o verbo, depois o que é a negação e a afirmação, a declaração e o discurso. Há os sons pronunciados que são símbolos das afecções da alma, e as coisas que se escrevem que são os símbolos dos sons pronunciados. E, para comparar, nem a escrita é a mesma para todos, nem os sons pronunciados são os mesmos, embora sejam as afecções da alma – das quais esses são os sinais primeiros – idênticas para todos, e também são precisamente idênticos os objetos de que essas afecções são as imagens.

Quando refletimos sobre esse quadro, percebemos que Aristóteles constrói uma recusa ao pensamento sofista e, ainda que em menor grau, ao pensamento platônico, uma vez que ele descarta a dupla concepção do real. Ao invés de pensar as formas ideais da existência concreta considerando as verdades eternas do mundo inteligível, o filósofo escolhe o mundo sensível para pensar a realidade e estabelece a tríade linguagem-alma-real.

O movimento na direção dessa tríade indica que a racionalidade humana pede por uma estabilidade dos nomes dentro do real-empírico. A estrutura de linguagem do pensamento, dessa forma, coincide com a estrutura do real. Para Aristóteles, as línguas humanas são, pois, sistemas de signos convencionais que representam a linguagem universal. Esse é um dos primeiros

aspectos a ser considerados mais adiante para a compreensão da entrada de um *sujeito* nos debates sobre a linguagem.

À vista disso, em *Da Interpretação* (cap. I e II) encontramos a definição dos elementos básicos da linguagem sob o viés lógico. Destacamos aqui o nome, o verbo e o discurso. Na obra, o nome é definido como “som articulado e significativo, conforme convenção” (16a 20) e suas partes separadas não são significativas. Ao se falar em convenção, apreendemos que o nome não tem por natureza a essência daquilo que significa, mas a natureza passa a pertencer ao nome quando este se torna símbolo.

O verbo “é o que agrega àquilo que ele próprio significa o tempo” (16b 5), isto é, ele agrega o tempo ao que significa, “é sinal das coisas subsistentes [...] das coisas ditas por um *sujeito*” (16b 10, grifos nossos). Nessa segunda definição, Aristóteles acrescenta um sujeito que fala sobre aquilo que subsiste em relação ao tempo do próprio sujeito: o presente. Tal discussão sobre o sujeito e o tempo presente não se encerra aqui. O filósofo trata de um sujeito empírico, aquele que *fala* os nomes e os verbos, mas, como veremos nos tópicos adiante deste trabalho, isso não fica retido no debate aristotélico. Prossigamos a discorrer sobre o terceiro elemento básico: o discurso.

O autor grego trata do discurso como *logos*. Para ele, todos os discursos são significativos, transcendem, de certa forma, uma articulação convencional de sujeito e predicado. No capítulo IV de *Da Interpretação* vemos a explicação a respeito do discurso declaratório como aquele “em que subsiste o ser verdadeiro ou o ser falso” (17a 1-5). Não nos é de grande valia aprofundar, nesta pesquisa, todos os aspectos e exemplos apresentados na obra, posto que nossa discussão não se baseia nas proposições verdadeiras ou falsas, porém alguns pontos são importantes para serem notados.

Em primeiro lugar, para Aristóteles, o discurso declaratório decorre do verbo ou de um caso dele (“é, será, foi”). Nessa concepção, o verbo é apenas aquele que está no presente, enquanto o passado e o futuro são apenas casos que decorrem dele. A declaração, pois, significa a respeito do seguinte: “se alguma coisa subsiste ou não subsiste [...] conforme os intervalos do tempo” (17a 20-25). Em outras palavras, as coisas existem ainda que alguém as negue ou as afirme e essa *existência* pode ser *provada* a partir do tempo, seja ele passado, presente ou futuro.

Além disso, só há afirmação ou negação se houver verbo, é ele que marca o tempo. O destaque ao tempo demonstra que o sujeito só *é/será/foi alguma coisa* a partir de uma realidade que não se dissocia do tempo. Em outras palavras, o discurso não declara apenas sobre si mesmo, mas considera aspectos extralinguísticos que não se dissociam da língua. Tal constatação torna-se mais clara quando pensamos na situação de elocução. O referente *no*

*mundo* e simbolizado no pensamento não é excluído no discurso, ele integra a base da comunicação.

Vale ressaltar que a lógica aristotélica não envolve elementos puramente subjetivos. Para o filósofo, há alguém que pensa [um sujeito], porém considera-se mais o *conteúdo* do pensamento do que aquele que o pensa. Ainda que se considere as afecções da alma como as mesmas para todos, na articulação racional do pensamento, essas afecções não são eternas, têm um prazo, pois, assim como o verbo no discurso traz o tempo, o tempo em si traz a realidade e é nela que se *prova* a verdade ou não de cada declaração. O tempo constitui a lógica por meio da linguagem.

É em *A Retórica* que vemos a função prática dessa linguagem. Aristóteles explica que a retórica é “a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir” (*A Retórica*, 1356a). Tal capacidade é exercida dentro da comunicação, do discurso público tendo como finalidade a persuasão. Nesta obra, o filósofo fala em *peessoas*, não em *sujeitos*, que têm intenções de defender ou acusar mediante determinada situação de discurso. Para ele, a argumentação persuasiva representava um método de discursar sobre a verdade de forma a não deixar que o falso se sobressaia.

É crucial notar que, ao longo da história, a discussão sobre o papel do sujeito na retórica evoluiu, passando de uma ênfase nas “pessoas” como agentes discursivos para uma consideração mais ampla da subjetividade presente no processo comunicativo. Inicialmente, o foco recaía sobre os indivíduos como participantes ativos na arena retórica, defendendo seus interesses e pontos de vista. No entanto, à medida que os estudos retóricos avançaram, houve uma crescente atenção para as nuances da subjetividade, entendida como as marcas de manifestação desse sujeito no discurso - suas escolhas linguísticas, tom de voz, gestos e outras formas de expressão.

A chamada Teoria da argumentação persuasiva, elaborada então pelo filósofo, pode ser usada na construção do discurso e na interpretação dele. Ele pontua três meios de persuasão: o derivado do caráter do orador (*éthos*); a emoção despertada pelo orador nos ouvintes (*páthos*); e os derivados de argumentos verdadeiros ou prováveis (*logos*). O *éthos* do enunciador refere-se ao caráter daquele que fala e encontra-se, em sua totalidade, a partir dos elementos composicionais do discurso, ou seja, é o caráter evidenciado pelo discurso e não por opinião alheia. Assim, o *éthos* se refere ao reflexo do orador naquilo que ele diz, a *imagem de si*.

Diante desses aspectos tratados em *A Retórica*, podemos repousar nosso olhar sobre o seguinte:

[...] como todos aceitamos favoravelmente discursos que são conformes ao caráter de cada um e dos que nos são semelhantes, não é difícil descortinar como é que as pessoas se podem servir destes discursos para, tanto nós, como as nossas palavras, assumirem tal aparência (1390a).

O caráter do sujeito que fala, *éthos*, influencia, pois, naquilo que ele diz, no seu discurso, e não somente isso, a forma como o discurso é recebido depende igualmente do caráter daquele que enuncia. Os discursos, ademais, sendo aceitos conforme o caráter, possibilitam que cada sujeito assumia determinada aparência para proferir seu próprio discurso, tendo em vista a forma que será percebido pela sua audiência e a credibilidade que tais caracteres refletem. Não há, portanto, dissociação entre aquele que fala e o seu dizer – e essa premissa é fundamental para nossa pesquisa e sobre ela retornaremos ao discorrer sobre a teoria benvenistiana mais adiante.

Tal abordagem sobre o *éthos* evidencia que o caráter do orador afeta a percepção dos ouvintes sobre o seu discurso. O ouvinte não se trata de um ser passivo no discurso. Dessa maneira, Aristóteles pontua como segundo meio de persuasão a emoção despertada pelo orador nos ouvintes, a qual denomina-se *páthos*. O orador, ao enunciar, precisa conhecer o *páthos*, tendo em vista que determinados discursos são aceitos por um auditório e outros não; ou seja, a partir do que o outro espera, cada orador projeta seu discurso e a sua eficácia se dá quando o ouvinte adere tal dito. Esse aspecto torna-se relevante, pois a partir dele podemos ver a presença de uma percepção da subjetividade, ainda que não central, da qual nos aprofundaremos nos tópicos adiante.

Tomar o caminho aristotélico a respeito do humano na linguagem e da teoria da argumentação persuasiva própria da retórica clássica, pode ser difícil e demasiado distante da discussão que atualmente se tem a respeito do sujeito e da língua/linguagem, porque nele se impõe compreender os primeiros debates a respeito da linguagem, o que não entra no campo científico da linguística. Ainda assim, vale registrar que as questões da linguagem foram tratadas na lógica aristotélica evidenciando que o intelecto humano abstrai essências universais, isto é, as palavras representam *alguma coisa* no interior do homem. Dessa maneira, Aristóteles colocou em questão a situação de enunciação ao tratar da prática elocutória, e esta envolve aquele que fala, com quem se fala e do quê se fala. Não afirmamos, contudo, que a retórica clássica é enunciativa, afinal trata da *verdade*, o que não entra na abordagem da enunciação dos estudos linguísticos. Vamos agora à discussão que serviu como pano de fundo para o desenvolvimento das teorias do sujeito e não mais a partir de uma perspectiva *latu sensu* (Teixeira; Flores, 2011), mas situada em um contexto de língua e história. Surge então a linguística como ciência.

## 1.2 SAUSSURE E O PANO DE FUNDO DO SUJEITO

Ler o título deste tópico pode, inicialmente, levantar um questionamento a respeito do que pretendemos abordar aqui, uma vez que as discussões de Saussure não tratam da concepção de sujeito. Entretanto, não podemos nos desviar da abordagem saussuriana para conceber uma perspectiva a respeito da subjetividade. Apesar de não ser o cerne do que foi trazido pelo mestre genebrino, a concepção de sujeito é fundamental para compreendermos a emergência e a evolução do conceito de subjetividade na linguística.

Nesse sentido, buscamos neste tópico reconstituir o percurso de delimitação do conceito de subjetividade na linguagem a partir do surgimento da linguística enquanto ciência para, mais adiante, tratar dos primeiros autores que consideraram o subjetivo nos estudos da linguagem. A inclusão deste capítulo não se trata apenas de uma digressão histórica, mas sim de uma maneira de contextualizar e fundamentar nossa investigação sobre a subjetividade na linguagem.

No âmbito da nossa pesquisa, a relação entre os conceitos de sujeito e subjetividade é crucial. Enquanto o sujeito pode ser entendido como o agente da enunciação, responsável pela produção do discurso, a subjetividade refere-se às marcas e manifestações desse sujeito na linguagem. Portanto, ao explorar as teorias linguísticas de Saussure e seu contexto histórico, estabelecemos as bases teóricas para compreendermos como as concepções de sujeito influenciaram o desenvolvimento dos estudos sobre subjetividade na linguística. Esta seção não apenas nos permite traçar uma linha de continuidade entre as ideias de Saussure e os autores posteriores que abordaram a subjetividade, mas também nos ajuda a situar nossa pesquisa dentro desse contexto histórico e teórico mais amplo.

Antes mesmo que a Linguística fosse instituída como ciência, o saber linguístico já era pesquisado institucionalmente desde o século XIX com a historiografia do conhecimento linguístico. Aurox (2009) pontua que os comparatistas, predominantes nessa época, visavam estudar a origem da linguagem e o indo-europeu, construindo a representação dos fenômenos linguísticos. A partir disso, surgiram as gramáticas histórica e comparada, as quais descreviam a evolução das línguas, sendo estas entidades autônomas. Esse fator principiou o que autor chama de revolução tecnológica da gramaticalização (Aurox, 2009).

Saussure (2012), de certa forma, também não deixa de pontuar aspectos referentes à visão geral da história da linguística. A crítica do autor repousa justamente no fato de que os estudos linguísticos não estudavam o efeito do processo de mudança das línguas, apenas as descreviam, e tampouco possuíam um método determinado, sendo este obtido a partir de um

objeto de estudo que ainda não havia sido estabelecido. Nesse sentido, tudo o que era considerado manifestação da linguagem humana constituía a matéria da linguística.

É, no capítulo 3 de *Curso de Linguística Geral*, que Saussure propõe a língua como objeto da Linguística. O fenômeno linguístico, segundo o autor, tem duas faces e uma se vale pela outra, por exemplo: as sílabas articuladas e as impressões acústicas, o som e a ideia, o lado social e o lado individual da linguagem e a linguagem como um sistema estabelecido e contendo uma evolução. Por outro lado, seja qual for a perspectiva que se aborde, nenhuma delas fornece o objeto da linguística.

Com vistas a buscar uma solução para esta dificuldade, o autor coloca a língua como norma de todas as manifestações da linguagem. A língua, pois, não é o mesmo que a linguagem, é parte dela. Língua é “um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos *indivíduos* (Saussure, 2012, p. 41, grifo nosso). Em outras palavras, ela é um todo por si só e o indivíduo entra nessa relação porque *usa* essa língua.

Ao refletirmos sobre esse aspecto, percebemos que o indivíduo permanece distante na abordagem saussuriana, entra na discussão apenas como acessório que completa o circuito da fala no conjunto da linguagem, ou seja, a língua precisa de pelo menos dois indivíduos para completar esse circuito, já que no cérebro de uma pessoa estão os conceitos, representações do signo linguístico. Tal faculdade de associação dos conceitos tem o papel de organizar a língua enquanto sistema e, para que esse papel se desenvolva, é preciso olhar para além do ato individual e abordar o fato social.

O autor explica que “entre todos os indivíduos assim unidos pela linguagem, estabelecer-se-á uma espécie de meio-termo; todos reproduzirão – não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente – os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos” (Saussure, 2012, p. 44). Sendo assim, ele admite que há um lado da língua em que o indivíduo está inserido, mas ele faz uma separação para chegar em algo para além do indivíduo e que existe fora dele.

A partir desse momento, Saussure (2012) desconsidera o indivíduo na *Linguística Geral* explicando que no indivíduo a língua é incompleta, apenas na massa, no conjunto de indivíduos, é que ela existe de forma completa. Ao se separar língua e fala, também se separam o que é social do que é individual, o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental. Em outras palavras, não há *sujeito* e *subjetividade* na perspectiva saussuriana.

Na teoria linguística de Saussure, o *sujeito*<sup>2</sup> é um agente que utiliza a linguagem de acordo com as regras do sistema linguístico, mas ele não é concebido como uma entidade autônoma e independente. O autor enfatiza que a linguagem é um sistema social, ou seja, é um conjunto de convenções fechadas por uma comunidade de falantes, e o sujeito é um membro dessa comunidade que opera dentro das regras protegidas por ela.

Dessa forma, Saussure não desenvolveu uma concepção de sujeito na linguagem no sentido estrito do termo. Ele não se concentra na análise da subjetividade ou na relação entre o indivíduo e a linguagem, mas sim na estrutura interna da linguagem como sistema de signos. No entanto, é importante destacar que, apesar de não desenvolver uma concepção de sujeito na linguagem, Saussure teve grande influência no desenvolvimento de outras correntes teóricas que se interessaram pela relação entre linguagem e subjetividade, como o estruturalismo, o pós-estruturalismo e a análise do discurso, que desenvolveram outras perspectivas de estudo da relação entre sujeito e linguagem.

Diante disso, levar em consideração tal abordagem sobre a língua, evidencia que o indivíduo tão somente mobiliza o conteúdo que a língua dispõe para poder falar. Ele é, então, um ser passivo que usa da linguagem para exprimir seu pensamento, não exercendo nenhum efeito sobre a linguagem.

Tal abordagem sobre a língua, portanto, toma a língua como um conjunto de signos existentes para além do indivíduo que os fala. Dessa maneira, a língua é por natureza social, não por ser constituída socialmente, mas por ser *igual* a todos os falantes e existindo sem interferência deste. Em outras palavras, Saussure reconhece uma linguística da fala, no entanto ela não faz parte do seu estudo, uma vez que o autor excluiu tudo o que é externo à língua para estudá-la como um sistema de signos. O indivíduo, logo, não possui lugar nessa língua que existe por si só, entretanto encontra aí uma brecha para que não se apague por completo no que concerne à ciência linguística.

### 1.3 ALGUM PEQUENO LUGAR PARA O EU: PONTOS DE PARTIDA PARA UMA TEORIA DO SUJEITO EM MICHEL BRÉAL E CHARLES BALLY

O sujeito não tinha um *lugar compartilhado* na linguística da língua. Saussure menciona o plano da fala, o qual o sujeito se insere, mas a descarta para pôr em foco apenas a língua, separada e distante, possuindo, de certa forma, um caráter de entidade superior. A língua por si

---

<sup>2</sup> O autor não trata especificamente do termo *sujeito*, mas *indivíduo*; no entanto utilizamos esses termos como correspondentes nesse contexto.

só estava no centro da linguística. É a partir desse ponto que a linguística da enunciação começa a surgir trazendo uma crítica à linguística da língua para, assim, estudar a ‘fala’, ou seja, a produção de enunciados em situações reais de comunicação.

Contemporâneo a Saussure, Michel Bréal, com menor propagação em relação àquele, principalmente pela recorrência do Estruturalismo, publicou *Ensaio de Semântica* em 1897. Essa informação levanta questões pertinentes sobre o estatuto do *Curso de Linguística Geral* (1913), pois ele é considerado como um ‘corte decisivo’ nos estudos linguísticos, sendo que, antes dele, já havia estudos que integram a história da linguística. Além disso, é de fato intrigante a ausência das ideias bréalinhas na teoria do mestre genebrino.

Entrar na obra de Bréal é, antes de tudo, uma forma de desautomatizar o discurso sobre a linguística e sobre o próprio Saussure (Guimarães, 1992). O retorno que fazemos aqui, cronologicamente falando, não é para evidenciar aproximações entre o *Ensaio* e o *Curso*, mas para mostrar que existem origens esquecidas da teoria da enunciação e, conseqüentemente, do sujeito, as quais hão de ser abordadas no presente tópico. Por outro lado, não excluimos as ideias saussurianas, estas serão retomadas mais adiante.

A língua, para Michel Bréal (1992), é considerada como instrumento de civilização e o homem é quem a utiliza, conservando-a ou alterando-a. Para ele, o homem é responsável pela língua – e talvez seja por isso que Saussure deixou o homem de lado para focar apenas na língua e conceber sua teoria. A obra *Ensaio de Semântica* está dividida em três partes, na primeira o autor fala sobre as leis intelectuais da linguagem; na segunda ele trata de como se fixou o sentido das palavras; e a terceira mostra como se formou a sintaxe. O nosso foco será posto na terceira parte, mais especificamente no capítulo XXV “O Elemento Subjetivo”.

Em primeiro lugar, o elemento subjetivo, de acordo com Michel Bréal (1992), é a parte mais antiga da linguagem e se trata de uma intervenção pessoal do produtor na ação. A essa intervenção ele chama de *aspecto subjetivo da linguagem*, o qual se representa: “1º) por palavras ou membros de frase; 2º) por formas gramaticais; 3º) pelo plano geral de nossas línguas.” (Bréal, 1992, p. 157). Da mesma forma em que encontramos em Aristóteles considerações a respeito da influência do caráter daquele que fala naquilo que diz, vemos aproximações nos estudos de Bréal quando este explica que existem intervenções pessoais no dizer. O eu está naquilo que diz.

Além disso, o elemento subjetivo é um sentimento do narrador sobre a ação. Tal sentimento está “de acordo com a natureza da linguagem” (Bréal, 1992, p. 157), porquanto na língua se tem expressões que fazem jus ao sentimento do narrador sobre a ação, como as conjunções, os pronomes, os advérbios, os adjetivos, os quais se usam para tecer a língua. O

autor explica que o fato está separado do elemento subjetivo, ainda que, na língua, eles estejam misturados. Tal cruzamento é mais visível no verbo (representam os modos). O linguista concorda com o fato de que, para os gregos, “os modos servem para marcar as disposições da alma” (Bréal, 1992, p. 159). Assim sendo, o que concerne a alma representa a parte subjetiva e as formas da língua representam esse elemento subjetivo.

Bréal (1992) traz o exemplo do discurso indireto esclarecendo que tal forma de discurso dá um outro tom à ação. Dessa forma, o autor introduz um questionamento que logo seria retomado nos estudos enunciativos, as questões sobre modos, tempos e pessoas:

sobre as três pessoas do verbo, há uma que ele se reserva de modo absoluto (a que se convencionou chamar a *primeira*). Desse modo ele opõe sua individualidade ao resto do universo. Quanto à segunda ela não nos distancia ainda muito de nós mesmos, já que a segunda pessoa não tem outra razão de ser que a de achar-se interpelada pela primeira. Pode-se, pois, dizer que só a terceira pessoa representa a porção objetiva da linguagem (Bréal, 1992, p. 161).

No que concerne ao pensamento do início da linguagem humana, para o mesmo autor, a fala existiu para expressar desejos, dar ordens, e não para descrever ou narrar, *à priori*. Michel Bréal deixa claro, portanto, que o elemento subjetivo não se trata de um acessório, mas de parte essencial para a língua. Isto posto, é importante destacar que o funcionamento da linguagem para Bréal, ainda que não trate da perspectiva de enunciado e enunciação, concebeu uma condição subjetiva para a linguagem, “agenciada tanto pelo desejo, pela vontade do sujeito, como por formas gramaticais é que irão instigar Émile Benveniste (1987:81) a refletir, sobretudo, em torno das especificidades que caracterizam as condições de emprego das formas” (Zandwais, 2011, p. 15).

Há que se dar destaque também a outro autor que problematizou questões semelhantes em seus estudos. Daremos um salto para 1932, após o *CLG* de Saussure, a fim de discutir sobre Charles Bally e sua obra *Linguistique générale et linguistique Française*. A gênese da noção de enunciação pode também ser encontrada nas discussões de Bally, principalmente no capítulo um da primeira seção do livro intitulada “Théorie Générale de l’énonciation” (Teoria geral da Enunciação).

Bally (1948) inicia o capítulo um, e neste estudo nos deteremos nele, percorrendo sobre a frase. Esta é, para ele, a enunciação do pensamento sobre a linguagem se organiza lógica, psicológica e linguisticamente. Isso significa que, numa análise lógica da enunciação, é possível encontrar considerações da ordem do psicológico e do linguístico. A respeito da análise lógica da frase, o autor discorre que: “a frase é a forma de comunicação mais simples possível de um

pensamento. Pensar é reagir a uma representação observando-a, apreciando-a ou desejando-a” (Bally, 1948, p. 35).

À vista disso, percebemos que existe a presença de um sujeito pensante que faz juízo de valor, que deseja e que tem vontade. O pensamento, assim, não é puramente representação. O autor explica ainda que a frase possui duas partes: o dito (*dictum*) e a expressão da modalidade (nisto opera o sujeito pensante).

Vale ressaltar que novamente vemos uma reflexão sobre o *pensamento*, em Aristóteles como as afecções da alma, em Bréal como o elemento subjetivo e, em Bally, a modalidade. Em todas essas formas, cada uma com sua singularidade e diferença teórica, apontam para a subjetividade na língua e nos sentidos. Ademais, destacamos que, da mesma forma que Bréal (1992) concebeu o fato separado do elemento subjetivo, Bally (1948) trata igualmente de duas partes: o dito e o modo.

“A modalidade é a alma da frase; como o pensamento, é essencialmente constituído pela operação ativa do sujeito falante” (Bally, 1948, p. 36, *tradução nossa*), o sujeito sendo ativo modaliza o seu dizer. A modalização pode ser vista por meio do verbo modal, no qual o sujeito imprime seu julgamento, sentimento e vontade. O sujeito modal, para Bally (1948), na maioria das vezes, pode ser o sujeito falante.

No que diz respeito à análise da frase explícita, o autor discorre sobre as relações que unem os termos de uma sentença logicamente construída: sujeito modal, verbo modal e dito (*dictum*). Um dos pontos principais, a ser levado em consideração sobre o estudo de Bally aqui apresentado, é que tais aspectos são mencionados para tratar sobre a frase/sentença e não sobre o sujeito em si e sua subjetividade, ele ainda fala da língua enquanto um sistema assim como Saussure.

Em último tópico, Charles Bally (1948) destaca que a enunciação, além das formas explícitas, possui formas implícitas. “A vida social dos indivíduos dentro de um grupo: vida familiar, o exercício da mesma profissão, tradições e usos de uma classe, etc., etc. tudo isso reflete indiretamente nas palavras que falamos” (Bally, 1948. p. 44), sendo assim, o extralinguístico passa a ser considerado no uso da língua, não como algo *exterior*, mas como algo que a constitui. A partir desse momento podemos verificar uma aproximação da concepção de subjetividade encontrada em Bally para àquela debatida por Benveniste. O extralinguístico passa a ser considerado como constitutivo da língua e, mais adiante, chegaremos à concepção de subjetividade como constitutiva da linguagem e não podendo ser concebida fora dela.

#### 1.4 O LUGAR DO SUJEITO: O PERCURSO DE ÉMILE BENVENISTE

Vimos que, inicialmente, o interesse aristotélico pela linguagem e sua preocupação pela retórica, levou-o a fundamentar estudos que tratam a respeito da elocução. Para Aristóteles, a estrutura lógica da linguagem comporta a escrita, os sons e as afecções da alma, sendo esta última a parte humana presente no exercício da linguagem. Nesse sentido, existe uma ligação entre as palavras e o extralinguístico, essa discussão é evidenciada quando o filósofo define o nome, o verbo e o discurso como os elementos básicos da linguagem sob o viés lógico.

Neste momento da filosofia aristotélica encontramos a presença de um sujeito, um sujeito que fala do seu próprio tempo presente e que considera os aspectos extralinguísticos para proferir seu discurso. Esse exercício da linguagem é explicado em *A Retórica* quando é feita a menção aos três aspectos da argumentação persuasiva: éthos, páthos e logos. Dessa maneira, percebemos uma primeira abordagem sobre a *presença* da subjetividade naquilo que o sujeito diz.

Essa discussão sobre a linguagem toma outras proporções à medida que a linguística se institui como ciência. Primeiramente, em Saussure nota-se uma separação entre o social e o individual, o que fez com que o sujeito não fosse considerado na abordagem sobre a língua. É em Michel Bréal e Charles Bally que presenciamos uma concepção sobre o sujeito nos estudos linguísticos.

Apresentamos que Bréal considerava a presença do elemento subjetivo na linguagem. Este trata-se de uma intervenção pessoal daquele que fala naquilo que fala. Tal condição subjetiva da linguagem levou outros estudiosos da linguagem, como Bally e Benveniste, a problematizarem questões relacionadas ao sujeito. Charles Bally detém-se na modalidade linguística para abordar a atividade do sujeito falante no dizer. Dessa forma, tanto Bréal quanto Bally consideravam o fato e o elemento subjetivo, o dito e o modo, como separados no exercício da linguagem.

É em Émile Benveniste que vemos esses dois aspectos juntarem-se para tratar da subjetividade na linguagem: o sujeito está sempre presente naquilo que diz, concerne ao indivíduo, mas não apenas isso, está relacionado ao social e é constituído *na* e *pela* linguagem, não podendo ser dissociados. Tais aspectos são abordados pelo autor quando explica a estrutura das pessoas no verbo, os pronomes e as relações de tempo no verbo.

Uma das principais questões que Benveniste aborda está relacionada à subjetividade na linguagem. Na parte 5 “O homem na língua” de *Problemas de Linguística Geral I* (2005), o autor concentra seu estudo nos aspectos linguísticos que evidenciam a presença do sujeito na linguagem, não apenas como um fator à parte e que pode ser visto *por fora* da língua somente.

Em **A estrutura das relações de pessoa no verbo**, Benveniste explica que verbo e pronome são palavras submetidas à categoria da pessoa, isso se pode ver no fato de que o verbo, por exemplo, é sempre conjugado conforme a referência à pessoa, pois “a categoria da pessoa pertence realmente às noções fundamentais e necessárias do verbo” (Benveniste, 2005, p. 250).

Em se tratando dos pronomes demonstrativos, “*aqui* e *agora* delimitam a instância espacial e temporal coextensiva e contemporânea da presente instância de discurso (Benveniste, 2005, p. 279), em outras palavras, eles se organizam juntamente com os indicadores de pessoa, pois tempo e espaço estão sempre relacionados ao *eu*, sendo este único e particular.

O indicador de tempo e espaço além de ter relação com a instância de discurso, refere-se também a objetos “reais”, a tempos e lugares “históricos”. O sujeito que fala, portanto, está em toda expressão e não apenas naquelas que possuem o elemento subjetivo (Bréal, 1992) ou os modalizadores no que é dito (Bally, 1944).

Vale ressaltar que Benveniste (2005, p. 280) considera em seu estudo a comunicação intersubjetiva: “a linguagem resolveu esse problema criando um conjunto de signos ‘vazios’, não referenciais em relação à ‘realidade’, sempre disponíveis, e que se tornam ‘plenos’ assim que um locutor os assume em cada instância do seu discurso”. A linguagem entra em exercício quando assumida por um indivíduo que se propõe como sujeito e o faz a cada vez que *cada um* toma a palavra.

É em **Da subjetividade na linguagem** que tais relações sobre o sujeito são mais aprofundadas. O autor inicia tal discussão questionando a consideração sobre a linguagem ser um instrumento de comunicação. Para ele, um instrumento põe em “oposição o homem e a natureza” (Benveniste, 2005, p. 285), os quais não são separados. Nesse sentido, uma vez que “é na e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (Benveniste, 2005, p. 286), a noção de instrumento separa o homem da linguagem, fazendo com que ela seja apenas *algo* que o homem faz uso para se comunicar.

A teoria da subjetividade desenvolvida por Benveniste está relacionada à possibilidade que a linguagem tem de fazer com que cada locutor se proponha como sujeito, remetendo a si mesmo como *eu* do seu discurso. Tal abordagem sobre a subjetividade na linguagem mostra, ademais, que existe uma polaridade entre as pessoas *eu-tu*, estas não são iguais tampouco simétricas, porém complementares e reversíveis. A partir disso, o autor busca responder uma pergunta que concerne à primeira pessoa: a que se refere o *eu*? “Ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor. É um termo que não pode ser identificado a não

ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual” (Benveniste, 20005, p. 288).

Levar em consideração essa abordagem sobre o sujeito e a subjetividade implica notar na língua que os pronomes pessoais, os indicadores da *deíxis*, os demonstrativos, advérbios e adjetivos dependem do *eu*. Igualmente funciona a expressão da temporalidade. a menção ao tempo é sempre dada em referência a um presente, o qual coincide com a instância de discurso que o descreve.

Nesse sentido, temos a Teoria da Enunciação, a qual estuda, grosso modo, as marcas do sujeito no enunciado. Tratando-se de tal teoria, dois conceitos são principais: Enunciação, o ato de dizer; e Enunciado, o dito. A enunciação é o ato de produzir um enunciado, isto é, o ato realizado pelo locutor ao fazer uso da língua. A Enunciação dispõe de um conteúdo linguístico: as categorias de Pessoa (EGO), Espaço (HIC) e Tempo (NUNC), pois cada enunciado constitui-se por um *eu*, *aqui* e *agora*.

Benveniste (2005) contribuiu significativamente para o desenvolvimento dessa teoria, especialmente com sua noção de "eu linguístico" ou "sujeito do discurso". Segundo o autor, a linguagem é uma forma de ação e, portanto, envolve sempre um sujeito que produz um enunciado em um contexto específico. Essa noção de sujeito do discurso é fundamental para a compreensão da enunciação, pois permite entender como as palavras são usadas para expressar a perspectiva e a posição do falante em relação ao que está sendo dito. A partir dessa concepção benvenistiana do sujeito, podemos retomar os estudos antes mencionados nessa pesquisa para traçar um percurso sobre a constituição de tal conceito nos estudos linguísticos enunciativos.

Aristóteles considerava que a linguagem dependia da racionalidade humana, o humano coloca a linguagem em funcionamento. Ele considerou que os nomes possuem uma estabilidade no real-empírico. Assim, Aristóteles considerou que o sujeito é aquele que *diz coisas*, a *pessoa que fala* e faz uso das palavras estabelecidas por convenção. Nessa concepção o *eu* é um símbolo convencionado para se tratar do indivíduo empírico que *fala alguma coisa*.

Além disso, esse *sujeito* fala para convencer e a aceitação do seu discurso se dá por quem *ele é* em sua *vida real*. A reflexão inicial da relação entre sujeito e linguagem em Aristóteles faz menção à pessoa no mundo, a que *fala coisas* e possui ou não credibilidade para ter seu discurso aceito por aqueles que o *ouvem*.

Apesar de haver uma ligação entre o sujeito falante e aquilo que ele diz, ela não existe para mostrar o lugar do sujeito em seu dizer, mas para evidenciar que ele só está naquilo que diz porque foi ele quem *disse* e não *outra pessoa*. Isso diferencia a abordagem aristotélica da

benvenistiana a respeito do sujeito e da subjetividade, não deixando, porém, daquela ser, de certa forma, um ponto de partida para a discussão desta.

Quando Saussure sistematiza a linguística cientificamente, esse *sujeito que fala* entra como parte individual da língua e, por isso, não pode ser considerado numa perspectiva científica. Filtrando esse ponto, Saussure foca a língua como objeto de estudo e considera aquele que fala como um ser passivo e acessório; abordagem esta que ainda se distancia da concepção de sujeito proposta por Benveniste (2005), em que o sujeito é essencial para a língua/linguagem.

Chegando aos estudos de Bréal e Bally vemos uma perspectiva sobre o sujeito, não mais apagado, mas fazendo parte dos estudos linguísticos. Vemos, nesse momento, não somente um sujeito que fala, mas intervém na ação que descreve; que possui vontade e emite juízo de valor. Tais autores consideram que os modos do verbo servem para marcar as disposições da alma, sob as quais Aristóteles já debatia anteriormente ao mencionar a parte humana presente na linguagem. Determinadas formas gramaticais tratadas por Bréal e Bally como traços subjetivos da linguagem serviram de raiz para a discussão proposta por Benveniste (2005) sobre a subjetividade.

A partir desses aspectos, percebemos que Benveniste não reduziu seu pensamento apenas ao Estruturalismo em voga em sua época, ele constrói uma oposição às considerações sobre a linguagem por parte dos linguistas em geral, como pudemos ver na sua crítica a linguagem como instrumento de comunicação.

Ao se falar em instrumento, separa-se homem e natureza, fazendo com que a linguagem seja considerada como uma “fabricação”. No entanto, a linguagem está na natureza do homem, não se pode conceber o “homem separado da linguagem” (Benveniste, 2005, p. 285). Nesse sentido, o sujeito é constituído *na* e *pela* linguagem. A sua subjetividade, conforme explica Benveniste (2005), está relacionada à capacidade do locutor se propor como *eu*, o que só é possível na existência de um *tu*. Esse diálogo é necessário por ser constitutivo da categoria de pessoa, pois o *eu* só o é por conta de um *tu* que logo será designado por *eu*.

Assim, o *eu* e o *outro*, o indivíduo e a sociedade, não podem ser concebidos separadamente, isso implica que estudar o sujeito pela perspectiva benvenistiana não é isolá-lo, mas pensá-lo em relação à sociedade, a esse *outro* que o constitui. O *eu* só diz *eu* por conta de um *tu*. Assim sendo, encontramos uma relação semiológica em que indivíduo e sociedade são construídos mutuamente na tessitura discursiva e para além das marcas linguísticas.

Verificamos, de maneira geral, que desde as raízes na filosofia da linguagem aristotélica, o corte saussuriano, até a identificação da parte subjetiva da linguagem, os estudos linguísticos

surgiram de uma forma binária, tratando de aspectos opostos, reduzidos à posição de um saber autossuficiente e que, ao incluir o sujeito, separa-o da língua/linguagem. Benveniste cria uma “nova linguística” que não tem bases binárias, mas com princípios unários e trinitários, não levando em consideração apenas a mensagem ou o contexto para a constituição do sujeito, mas a enunciação.

À vista disso, vemos que a língua implica a sociedade e vice-versa; a sociedade e a cultura não independem da língua, pois é justamente nessa “mescla” que o sujeito se constitui; a linguagem está na natureza do homem, assim sujeito e linguagem não se dissociam; e o homem estabelece diálogo com outro homem, isso nos mostra que o *eu* é constituído pelo *outro*.

Tais aspectos são primordiais para o estudo do sujeito sob uma perspectiva benvenistiana, uma vez que é possível verificar que o sujeito, ele mesmo, se dá a identidade, ainda que múltipla (o *eu* e o *outro*). Benveniste (1976) igualmente explicita que o locutor ao se propor como sujeito pode se marcar como sujeito da enunciação através de formas linguísticas. Nas palavras do autor, a subjetividade tem um fundamento linguístico que a marca: a categoria de pessoa. Essas marcas podem ser identificadas por meio dos índices específicos. Apesar da subjetividade na linguagem se mostrar pelos pronomes pessoais e/ou indicadores da *dêixis*, ela não se repousa somente sobre isso, sendo puro fator linguístico, mas a instância discursiva também é um fator de agenciamento do enunciado e da marcação da subjetividade. Tais índices também podem servir como meio de análise para os estudos da subjetividade.

## 2 O DELINEAR DA SUBJETIVIDADE: APORTES TEÓRICOS

A investigação sobre a subjetividade na linguagem transcende o estudo das estruturas gramaticais ou dos processos de significação. Ela nos convida a adentrar nas complexidades da intersubjetividade e dos processos discursivos que moldam nossa compreensão e interação com o mundo. Este tópico visa explorar os aportes teóricos que lançam luz sobre a subjetividade na construção do discurso e na produção de sentido.

No primeiro subtópico, aprofundaremos a obra de Émile Benveniste, cujas reflexões sobre a natureza do signo linguístico desvendam os intricados mecanismos pelos quais o sujeito inscreve sua presença na linguagem. Ao analisar aspectos como o verbo e os pronomes, Benveniste revela como a linguagem reflete e constitui a subjetividade humana, destacando a estreita relação entre sujeito e subjetividade. Além disso, exploraremos a maneira pela qual a linguagem se entrelaça com a experiência humana, servindo como um espelho das percepções, emoções e vivências individuais e coletivas.

Na continuidade deste tópico, nos voltaremos para as contribuições de José Luiz Fiorin, que nos conduz ao cerne da produção de sentido através dos conceitos de *éthos* e *páthos*. Ao analisar como os recursos discursivos são mobilizados para construir efeitos de sentido, Fiorin mostra a maneira pela qual o sujeito influencia a percepção e a recepção do discurso, evidenciando sua subjetividade.

Por fim, investigaremos o complexo território da subjetividade no discurso científico, explorando as reflexões de Giorgio Agamben e Maria José Coracini. Neste contexto, examinaremos como o *eu* se insere, ou se omite, na produção do discurso científico, e como essa presença ou ausência de subjetividade influencia a objetividade e a validade do conhecimento produzido.

Ao percorrer esses subtópicos, buscamos ampliar nossa compreensão sobre a subjetividade na linguagem e na produção de sentido, lançando luz sobre as interações complexas entre linguagem, subjetividade e conhecimento científico.

### 2.1 OS ECOS DA SUBJETIVIDADE

Neste tópico abordamos a manifestação da subjetividade explorando os conceitos teóricos desenvolvidos por Benveniste. Este tópico examina como elementos linguísticos, como verbos e pronomes, contribuem para a construção e expressão da subjetividade dentro do discurso. Além disso, buscamos compreender a relação entre sujeito e subjetividade, analisando

como a linguagem reflete e molda as experiências individuais e coletivas. Por fim, exploramos o papel da linguagem na construção da experiência humana, destacando como ela influencia e é influenciada pela percepção e interpretação do mundo pelo sujeito falante.

### 2.1.1 Verbo e pronome: fundamentos da subjetividade linguística

As categorias de verbo e pronome estão intrinsecamente ligadas à categoria de pessoa, desempenhando um papel fundamental na construção da subjetividade na linguagem, como abordado pela Teoria da Enunciação. Benveniste (1976) explica que a maioria das línguas possui três pessoas gramaticais distintas: primeira, segunda e terceira. A distinção entre essas pessoas ressalta a oposição entre o eu e o tu, considerados como pessoas, e o ele, identificado como uma não-pessoa. Esta distinção evidencia-se pelo fato de o ele abranger tudo aquilo que não é nem o eu nem o tu, sendo aplicado a algo ou alguém que não se inclui na interação entre eu e tu, considerada como a terceira pessoa.

A oposição entre a primeira, segunda e terceira pessoas é compreendida através da Correlação de Personalidade (Benveniste, 1976), que distingue a pessoa subjetiva (eu e tu) da não-pessoa subjetiva (ele). Posteriormente, Benveniste explora a Correlação de Subjetividade, estabelecendo o eu como a pessoa-eu e o tu como a pessoa não-eu. Essa distinção reflete a relação entre a pessoa que enuncia (eu) e aquela a quem se dirige (tu), destacando o eu como o sujeito falante e o tu como o destinatário da enunciação.

Quanto à pluralização da pessoa verbal, Benveniste (1976) discute a complexidade desse fenômeno. Embora existam formas plurais para cada pessoa verbal (nós, vós, eles), o autor argumenta que apenas o *eles* representa verdadeiramente uma pluralização da pessoa verbal. Ele questiona se o nós e o vós realmente representam uma multiplicidade de sujeitos, sugerindo que o *nós* seja uma junção do eu com outra pessoa ou não-pessoa, enquanto o vós pode representar tanto um conjunto de pessoas quanto uma pessoa amplificada.

Benveniste (1976) também distingue o plural exclusivo (nós como eu + eles) do plural inclusivo (eu + tu/vós), além de diferenciar o singular (pessoa estrita) do plural (pessoa amplificada) com base na alteração dos termos utilizados. Essas reflexões sobre a estrutura das relações de pessoa no verbo são fundamentais para compreendermos como a subjetividade é construída e expressa através da linguagem, conforme discutido pelo autor.

Assim sendo, o verbo e o pronome estão intimamente ligados à categoria de pessoa, principalmente através da pessoa verbal, conforme enfatizado por Benveniste (1976). Agora,

exploraremos a natureza dos pronomes e sua relação com essa categoria, levando em consideração os indicadores de pessoa, tempo, lugar e a instância de discurso.

Na enunciação, há dois planos a serem considerados: os indicadores (de pessoa, tempo, lugar, objeto mostrado) e a presente instância de discurso. Benveniste destaca que os pronomes não se referem ao objeto "real", mas à própria enunciação, sendo utilizados pelo locutor como parte da sintaxe da língua para atualizar a palavra. Os pronomes pessoais vão além do trio eu, tu e ele, pois se assim não fosse, não haveria a noção de "pessoa", uma vez que apenas eu e tu são considerados pessoas, enquanto ele pode ser qualquer coisa.

De acordo com Benveniste (1976), o eu é classificado como pragmático, pois quem emprega os signos está incluído no próprio ato de dizer. Portanto, os indicadores eu e tu referem-se à realidade da enunciação, onde "eu é o 'indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância linguística eu'" (Benveniste, 1976, p. 279). Essas noções nos conduzem ao Exercício da Linguagem, onde o eu/tu ganham significação na instância de discurso, evidenciando que a linguagem não pode ser meramente classificada como um sistema de signos. Quanto à terceira pessoa, ela remete a uma "situação objetiva", sendo considerada a não-pessoa, em contraste com o eu e o tu.

A instância de discurso delimita o espaço e o tempo coextensivos e contemporâneos da presente instância de discurso que contém o eu, como explicado por Benveniste (1976). Os domínios de tempo e espaço do sujeito, representado pelo eu, são analisados nas mesmas categorias da enunciação, complementando informações sobre ele. Essa análise nos permite fazer conexões com os conhecimentos do sujeito eu e com a expressão da subjetividade através deles, o que será abordado em um próximo capítulo.

Benveniste (2005), uma vez que mostra que só se sabe o que é cada pronome pessoal a partir daquilo que os diferencia, dado que eles não possuem um significado lexical, propõe discutir sobre o eu, tu e ele para perceber em que se funda sua oposição.

Na primeira e na segunda pessoa tem-se "uma pessoa implicada e um discurso sobre essa pessoa" (Benveniste, 2005, p. 250), isso não acontece na terceira pessoa. Esta não comporta algo ou uma pessoa específica: exprime a "não-pessoa", a ausência. Uma das características das pessoas eu e tu, de acordo com Benveniste (2005), é que elas possuem unicidade específica, ou seja, o eu (aquele que fala) se direciona a um tu específico (com quem se fala), sendo ambas pessoas existentes no mundo. Aqui já percebemos uma mudança de perspectiva em relação aos autores citados anteriormente, o foco repousa principalmente na subjetividade na linguagem.

Além disso, o eu e tu são inversíveis, isto é, aquele que diz eu poderá ser chamado tu, e vice-versa, no processo comunicativo. A terceira característica da pessoa verbal é que tudo o que está fora do eu e tu é terceira pessoa, sendo esse ele pessoa ou não.

A partir disso, o autor elenca duas oposições existentes entre as pessoas do verbo, são elas: a correlação de personalidade e a correlação de subjetividade. A primeira consiste em que o eu-tu possuem a marca de pessoa, enquanto ele não. A segunda consiste em que o eu é interior ao enunciado e transcendente em relação a tu; o eu, portanto, trata-se de uma pessoa subjetiva e o tu de uma pessoa não-subjetiva.

Saindo da relação das pessoas no verbo, chegamos à perspectiva dos pronomes proposta por Benveniste, como forma de também evidenciar que o sujeito é inerente à linguagem. Os pronomes existem em todas as línguas, são universais, e podem pertencer tanto à sintaxe da língua quanto às instâncias do discurso.

A respeito dos pronomes pessoais, o autor explica a noção de “pessoa” nos pronomes pessoais eu, tu e ele. Eles não se diferenciam apenas na forma, existem outros aspectos atrelados ao processo de enunciação que os diferenciam, como apresentamos anteriormente. “Cada eu tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único proposto como tal” (Benveniste, 2005, p. 278), assim o eu só tem valor na instância em que é produzido.

Concluimos, portanto, que os indicadores só adquirem significado e representação devido à instância de discurso. Por meio dessa referência, cada indicador (de pessoa, tempo, lugar) assume um caráter único e particular, pois a relação entre os indicadores e a presente instância de discurso ocorre simultaneamente, sendo o exercício da linguagem realizado pelo indivíduo que "produz" essas instâncias de discurso.

### 2.1.2 Subjetividade: Reflexões a partir da Teoria de Benveniste

Benveniste (1976), em sua obra "Problemas de Linguística Geral I", na seção dedicada ao papel do homem na linguagem, analisa minuciosamente as marcas de subjetividade presentes na linguagem, explorando a correlação de personalidade e a instância de discurso. A partir desses conceitos, nosso objetivo é investigar tanto a natureza da linguagem quanto a inserção do homem nesse contexto linguístico, com o intuito de compreender o que o autor chama de fundamento da subjetividade.

Inicialmente, Benveniste (1976) esclarece que a linguagem não pode ser considerada um instrumento, uma vez que a natureza de um instrumento implica sua criação pelo homem. Contudo, a linguagem não foi criada pelo homem e, portanto, não pode ser dissociada dele.

Assim, surge a premissa fundamental de que o homem se constitui como sujeito na e pela linguagem, destacando-se a capacidade do locutor de se apresentar como sujeito.

O autor propõe duas questões cruciais sobre essa formulação: quais são os critérios linguísticos da subjetividade e como ela se fundamenta. Essas indagações são essenciais, pois não há linguagem sem expressão da pessoa, e essa expressão se dá, principalmente, por meio dos pronomes pessoais.

Os pronomes pessoais não possuem uma conceituação fixa, pois o eu se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, indicando o locutor. Além disso, o eu pode representar não apenas o indivíduo em particular, mas também todos os outros indivíduos, assumindo-se como sujeito singular na voz do locutor.

Segundo Benveniste (2005), a subjetividade na linguagem cria a categoria da pessoa. Os índices de sujeito na língua só existem porque a linguagem possui essa natureza subjetiva. A natureza da “subjetividade” consiste em percebermos que a mudança das pessoas na conjugação do verbo, por exemplo, produz diferentes efeitos de sentido no discurso. Isto é, as expressões, os verbos, tomam um valor diferente a depender das pessoas que são empregadas, podendo conceber uma enunciação “subjetiva” ou uma enunciação “não-subjetiva”, acarretando uma alteração nos sentidos produzidos em cada enunciado.

Assim sendo, o fundamento da subjetividade reside no exercício da linguagem, no qual o próprio sujeito se posiciona como tal. Benveniste (1976) explora dois aspectos para responder às questões sobre esse fundamento: os pronomes pessoais e a noção de tempo/expressão da temporalidade, ambos evidenciando a revelação da subjetividade na língua.

Em suma, a linguagem possibilita a emergência da subjetividade, pois contém as formas linguísticas apropriadas à sua expressão. O discurso, por sua vez, promove essa emergência ao consistir em instâncias discretas. A instância de discurso é, portanto, constitutiva das coordenadas que definem o sujeito, envolvendo não apenas as formas linguísticas, mas também a própria apropriação dessas formas pelo locutor em exercício de discurso.

### 2.1.3 Linguagem e experiência humana: perspectivas Benvenistianas sobre o *eu*

Benveniste (1988) apresenta uma visão sobre a relação intrínseca entre a linguagem e a experiência humana, destacando como as categorias de pessoa, espaço e tempo são fundamentais para a expressão linguística. Segundo o autor, as línguas possuem um modelo constante de categorias de expressão que permitem ao sujeito se colocar como “eu” de maneira instintiva e inerente ao discurso. Esse ato de se apropriar do “eu” ocorre sempre de forma nova,

ainda que o discurso seja repetido “mil vezes”, pois cada enunciação situa-se em um novo tempo e circunstância.

Para Benveniste (1988), a linguagem só se torna possível com a presença da pessoa, sendo o "eu" um elemento ativado no discurso. A utilização do "eu" no enunciado, por sua vez, evoca a presença de um "tu", instaurando assim a experiência humana essencial. Essa dualidade é uma constante em todas as línguas, pois não é viável ter uma forma linguística para cada experiência individual; a capacidade de gerar experiência está, portanto, inerente à linguagem.

A substância do pronome "eu" só é dada dentro do discurso; fora dele, permanece uma forma vazia. Além dos pronomes pessoais, os dêiticos também possuem uma natureza subjetiva, pois são organizados a partir do ponto central do ego. A expressão de tempo, por exemplo, é uma forma linguística que traduz a experiência subjetiva. Não é apenas o verbo que expressa o tempo; a linguagem constrói o real de maneira subjetiva, e a noção de tempo aparece em diferentes níveis de expressão linguística.

Assim, Benveniste nos mostra que a língua é uma construção do real, na qual as categorias de pessoa, espaço e tempo desempenham papéis fundamentais na formação da experiência humana. A subjetividade do "eu" no discurso e a organização temporal demonstram como a linguagem molda nossa percepção e interação com o mundo, afirmando que a substância dos pronomes e dos dêiticos se revela somente dentro do ato de enunciação, transformando a linguagem em uma ferramenta essencial para a construção da realidade humana.

Segundo Benveniste (1988), as línguas contêm categorias de expressão que se baseiam em um modelo constante, incluindo as categorias de pessoa, espaço e tempo. A noção de "eu" se coloca como uma necessidade instintiva e inerente ao discurso. Cada ato de discurso, mesmo que repetido inúmeras vezes, é sempre novo, pois ocorre em um novo tempo, circunstância e contexto discursivo. A todo momento, quem fala se apropria desse "eu", tornando a linguagem dependente da presença da pessoa. O "eu" é colocado em ação no discurso, evocando um "tu" e, assim, instaurando a experiência humana. Essa interação entre "eu" e "tu" é fundamental e inerente a qualquer língua, pois sem ela não seria possível representar cada experiência humana de forma distinta.

A substância do pronome pessoal só é dada no discurso; fora dele, é uma forma vazia. Além do pronome pessoal, os dêiticos também são de natureza subjetiva, pois se organizam a partir do EGO, sendo este o ponto central. A expressão de tempo na linguagem é uma forma linguística da experiência subjetiva, não se limitando ao verbo para expressar temporalidade. A

construção do real pela linguagem é, portanto, subjetiva, refletindo a experiência individual e coletiva de tempo.

Benveniste distingue duas noções de tempo: o tempo físico do mundo, que é infinito, e o tempo crônico, que é o tempo dos acontecimentos. Ele afirma que "nosso tempo vivido corre sem fim e sem retorno, é esta a experiência comum. Não reencontramos jamais nossa infância, nem o instante que acaba de passar" (Benveniste, 1988, p. 71). Na língua, as denominações de tempo são vazias até serem preenchidas pelo uso discursivo. O tempo linguístico, ou tempo crônico, é manifestado pela experiência humana através da fala. O presente é "inventado" na instância do discurso, sem se referir a nenhum presente em particular. O presente linguístico é o fundamento das oposições temporais da língua, enquanto o passado e o futuro não estão no mesmo nível do presente. O presente é o único tempo inerente à língua, servindo como base para a construção das noções temporais.

Benveniste (1988) destaca que a linguagem e a experiência humana estão intrinsecamente ligadas, com a subjetividade permeando todas as formas de expressão linguística. As categorias de pessoa, espaço e tempo na língua refletem a organização subjetiva do mundo pelos sujeitos falantes, fazendo com que a linguagem não seja apenas um meio de comunicação, mas também uma forma de construção e entendimento da realidade. Assim, a perspectiva benvenistiana enfatiza a centralidade do "eu" no discurso e a importância da linguagem na constituição da experiência humana.

## 2.2 ENTRE *ÉTHOS* E *PÁTHOS*: A PRODUÇÃO DE EFEITOS DE SENTIDO

José Luiz Fiorin, em sua obra "Em busca do sentido: estudos discursivos" (2008), explora de forma as nuances da produção de sentido no discurso, utilizando-se das categorias de *éthos* e *páthos* para ilustrar como esses elementos influenciam a construção e interpretação dos textos. Fiorin adota uma abordagem semiótica, demonstrando como a enunciação e os mecanismos discursivos são fundamentais para a compreensão da racionalidade e da emoção no discurso.

Segundo Fiorin (2008), o conceito de *éthos* está intrinsecamente ligado à imagem do enunciador, que se torna explícita na enunciação. Essa imagem do autor é apreendida não apenas pelo conteúdo explícito de suas declarações, mas também pela totalidade da sua obra, que permite uma compreensão mais profunda da sua identidade discursiva. Fiorin (2008) retoma Benveniste para explicar os mecanismos de deitização e embreagem, que são essenciais para entender como o *éthos* é constituído no discurso.

Além disso, a análise da questão da construção semântica do espaço contribui para a complexidade do *éthos*, ao evidenciar como os locutores se posicionam em relação aos espaços discursivos que habitam. A criação de um *éthos* envolve, portanto, uma série de estratégias discursivas que vão além do conteúdo verbal, incorporando elementos contextuais e interpessoais que reforçam a credibilidade e a autoridade do enunciador.

Fiorin (2008) argumenta que a paixão, ou *páthos*, não se opõe à razão, mas constitui uma forma de racionalidade discursiva. A análise do *páthos* permite uma investigação detalhada da aspectualização, intensificação e quantificação no discurso, que são tratadas como procedimentos de discursivização. Ao incorporar o contínuo e suas modulações na teoria discursiva, Fiorin ultrapassa o estruturalismo tradicional, que se baseia em categorias discretas e fixas:

Estudada dessa maneira, a paixão não se opõe à razão, mas constitui uma forma de racionalidade discursiva, permitindo analisar, de maneira bastante fina, a aspectualização, a intensificação e a quantificação, consideradas não como categorias da língua, mas como procedimentos de discursivização. Na medida em que o contínuo e suas modulações passam a fazer parte da teoria, ultrapassa-se o estruturalismo, fundado no discreto e no categorial (Fiorin, 2008, p. 132).

Nesse contexto, o *páthos* é visto como uma força que dá forma ao discurso, moldando as percepções e reações do interlocutor. Ao explorar a dimensão afetiva do discurso, o autor revela como a emoção pode ser utilizada de maneira estratégica para engajar o público, criar empatia e persuadir.

A obra de Fiorin (2008) também aborda a semântica das categorias da enunciação, dedicando capítulos específicos para discutir o *éthos* e o *páthos*. No capítulo “O *éthos* do enunciador”, ele apresenta uma análise detalhada de como o *éthos* se estabelece no interdiscurso, destacando exemplos concretos da literatura para ilustrar suas argumentações. “A eficácia do discurso ocorre, quando o enunciatário incorpora o *éthos* do enunciador” (Fiorin, 2008, p. 157).

Essa abordagem permite uma compreensão de como os discursos são estruturados para produzir determinados efeitos de sentido. A exploração do *éthos* e do *páthos* proporciona uma visão integrada dos processos semânticos e pragmáticos que influenciam a recepção e interpretação dos textos.

### 2.3 DE ENCONTRO AO (NÃO) LUGAR SUBJETIVO: O *EU* NA PRODUÇÃO DO DISCURSO CIENTÍFICO

No âmbito deste tópico, intitulado "De Encontro ao (Não) Lugar Subjetivo: O Eu na Produção do Discurso Científico", exploraremos as reflexões propostas por Giorgio Agamben em sua obra "Infância e História: Ensaio sobre a Destruição da Experiência". Este ponto de discussão busca contribuir para uma compreensão mais abrangente do sujeito contemporâneo e da interconexão entre experiência, autoridade e linguagem na produção do discurso científico.

Agamben (2008) nos convida a uma análise crítica da contemporaneidade, destacando a privação da experiência no homem moderno e a consequente alienação em relação aos eventos vivenciados. Ao abordar a relação entre experiência, autoridade e conhecimento, Agamben elucida aspectos sobre a transformação do sujeito contemporâneo e a sua desconexão crescente com as próprias vivências. A obra serve como base teórica para desvelar as complexidades do discurso científico, especialmente no que tange à recusa da experiência e à busca incessante por certezas na ciência moderna. Ao longo deste capítulo, iremos aprofundar nossa compreensão das ideias de Agamben, destacando, em particular, a relação intrínseca entre linguagem, experiência e produção do discurso científico.

A contemporaneidade é marcada pela "opressão do cotidiano", levando à perda de significado da autoridade, outrora fundamentada na experiência. De acordo com Agamben (2008), no homem contemporâneo, a privação de sua experiência é evidente, pois, embora passe por diversos eventos, nenhum deles se transforma em verdadeira experiência (Agamben, 2008).

Dessa forma, o autor destaca: "e experiência tem o seu necessário correlato não no conhecimento, mas na autoridade, ou seja, na palavra e no conto, e hoje ninguém mais parece dispor de autoridade suficiente para garantir uma experiência, e se dela dispõe, nem ao menos aflora a ideia de fundamentar em uma experiência a própria autoridade" (Agamben, 2008, p. 23). Neste contexto, o sujeito contemporâneo não busca validar sua autoridade por meio de experiências pessoais, mas apoia-se na autoridade alheia, resultando na anulação de sua subjetividade.

A recusa da experiência se torna uma constante, evidenciada pela perda de certeza na ciência moderna, que desapropria seus sujeitos em busca de uma única verdade (Agamben, 2008). A busca pela certeza nessa ciência resulta na "destruição da experiência" e na substituição do sujeito da experiência por um sujeito absoluto, a razão pura (Agamben, 2008). Nesse cenário, a experiência não é algo dado, mas sim algo que se faz.

No contexto da produção científica, esse fenômeno se manifesta de maneira tangível. Por exemplo, ao examinar a escrita de artigos acadêmicos, observamos como os enunciadores muitas vezes se afastam de seu próprio enunciado na busca por uma objetividade e imparcialidade ilusórias. No entanto, mesmo nesse contexto, a subjetividade do autor permeia

cada aspecto do processo de produção de conhecimento. Desde o planejamento do texto até a formulação do objeto de pesquisa e os métodos empregados, o sujeito é inegavelmente o produtor do conhecimento, cujo dizer é aprovado e legitimado por revistas científicas. A noção de objetividade muitas vezes obscurece a influência do sujeito na produção do conhecimento científico.

Giorgio Agamben, ao explorar o lugar relegado à experiência humana na tradição filosófica iluminista, propõe uma reflexão sobre a dicotomia sujeito-objeto e a pretensão de verdade na separação entre experiência e conhecimento. A dicotomia sujeito-objeto, característica da epistemologia ocidental, estabelece uma divisão entre o observador (sujeito) e o mundo observado (objeto), implicando uma separação entre o conhecedor e o conhecido. Dentro dessa estrutura, a subjetividade é frequentemente negligenciada ou minimizada, pois o foco recai sobre a objetividade do conhecimento. Essa ênfase na objetividade muitas vezes resulta na exclusão da experiência pessoal do processo de construção do conhecimento.

Ao mesmo tempo, a tradição iluminista enfatiza a busca pela verdade objetiva, desconsiderando a importância da experiência subjetiva na compreensão do mundo. Essa busca pela verdade universal e desvinculada da subjetividade humana tende a subestimar ou ignorar a experiência individual.

Portanto, nesse contexto, o apagamento da subjetividade está intrinsecamente ligado à marginalização da experiência humana. Ao separar a experiência do conhecimento e ao priorizar a objetividade em detrimento da subjetividade, essa tradição relega a experiência humana a um segundo plano, contribuindo para a perpetuação de uma visão unilateral.

No contexto da obra de Agamben (2008), a contribuição de Benveniste sobre a natureza dos pronomes e a subjetividade na linguagem é fundamental, destacando um "eu" linguístico. A linguagem, para Benveniste, não é apenas reflexiva, mas constitui o pensamento, sendo o sujeito sempre parte de uma realidade de discurso, constituindo-a e sendo constituído por ela. Para ele, os pronomes pessoais, em particular, revelam a interdependência entre sujeito e linguagem, uma vez que eles conferem uma dimensão pessoal e subjetiva à linguagem.

Assim sendo, a linguagem humana, segundo Agamben, adiciona à significação semiótica um sentido diferente, transformando o mundo fechado do signo no mundo aberto da expressão semântica. Conforme Agamben (2008, p. 75) destaca, "somente a linguagem humana – na medida em que pertence contemporaneamente ao endossomático e ao exossomático – acrescenta à significação semiótica um sentido outro e transforma o mundo fechado do signo no mundo aberto da expressão semântica".

Nesse sentido, a intersecção entre os conceitos de Benveniste e Agamben revela a profundidade da relação entre linguagem, sujeito e significação. Enquanto Benveniste enfatiza a importância do sujeito na constituição da linguagem e do discurso, Agamben amplia essa perspectiva ao destacar o potencial transformador da linguagem humana, que vai além da simples comunicação e adentra o terreno da expressão semântica. Assim, reconhecemos o papel ativo do sujeito na construção e interpretação da linguagem.

Em meio à objetividade científica e à busca pela certeza, Agamben propõe uma reflexão sobre a destruição da experiência na contemporaneidade. O discurso científico, com sua tendência à objetividade, frequentemente relega a experiência humana a um plano secundário. No entanto, Agamben argumenta que é justamente por meio da experiência que podemos alcançar uma compreensão mais rica e integral do conhecimento. Portanto, é essencial repensar as dinâmicas subjacentes à construção do conhecimento, reconhecendo o papel fundamental da experiência na formação do sujeito.

Dessa forma, o autor instiga não apenas a uma reflexão crítica sobre as limitações do discurso científico, mas também a uma reconfiguração das práticas e perspectivas que informam a produção do conhecimento. Ao dar ênfase à importância da experiência, ele nos lembra da necessidade de uma abordagem mais holística e inclusiva, capaz de abarcar a complexidade e a diversidade da experiência humana.

A ciência tem como objetivo fundamental não apenas descobrir, mas transformar a aparente desordem do universo em conhecimento sistemático e organizado. Esta visão utilitária da ciência, conforme descrita por Alves (1984 *apud* Coracini, 1991), implica na capacidade de tornar os fenômenos compreensíveis e manipuláveis através da sistematização dos componentes físicos e comportamentais. Essa abordagem não apenas facilita a compreensão profunda dos seres e dos fenômenos, mas também os torna utilizáveis na prática, uma característica que se estende à aplicação tecnológica contemporânea.

Ao retomar a definição de Alves (1984), Coracini (1991) afirma que o objetivo da ciência não se resume simplesmente a descobrir, mas a construir o conhecimento humano por meio da organização e sistematização dos fatos inter-relacionados. Neste sentido, cabe ao cientista, inserido em seu contexto histórico-social, compartilhar com seus pares a adesão a paradigmas e normas que orientam a interpretação dos fatos e fenômenos naturais.

No entanto, a estrutura formal canônica geralmente apresentada nos textos científicos primários não é inabalável, como revelado por uma análise cuidadosa dos textos que compõem o corpus. Essa análise revela frequentemente estruturas textuais com subdivisões conceituais

ou temáticas, sugerindo uma complexidade que desafia o esquema organizacional aparente inicialmente proposto.

Embora aparentemente se note uma certa correspondência, a simples leitura de um artigo basta para verificar, por exemplo, que a 'introdução' não descreve cronologicamente a etapa correspondente à elaboração mental do trabalho, que a seção 'material e métodos' não relata com fidelidade todas as etapas cronológicas pelas quais passou a pesquisa: como já foi oportunamente assinalado, os insucessos são quase sempre omitidos; freqüentemente, o pesquisador leva dois, três anos para conseguir colher o seu material de análise e nem sempre esse fato é relatado, por ser considerado de pouca relevância para o leitor. Toda a etapa de observação é omitida em favor dos gráficos que, afinal, já constituem o resultado de operações de seleção e interpretação por parte do pesquisador. Tais gráficos, curvas, esquemas se apresentam, no entanto, ao leitor como constatações (verdades) inquestionáveis (Coracini, 1991, p. 96).

Tal citação de Coracini (1991) destaca a crítica ao modo como os textos científicos são estruturados e apresentados. A autora argumenta que, embora os artigos científicos sigam uma organização formal esperada (como a seção de introdução e material e métodos), essa estrutura muitas vezes não reflete fielmente o processo real de pesquisa. Por exemplo, a seção de introdução não descreve cronologicamente a fase de concepção do estudo, e a seção de material e métodos frequentemente omite detalhes sobre as etapas de coleta de dados, incluindo os fracassos e dificuldades enfrentadas pelo pesquisador ao longo do processo. Essa omissão pode levar à apresentação dos resultados finais, como gráficos e esquemas, como verdades inquestionáveis, sem considerar as decisões interpretativas e de seleção feitas pelo próprio pesquisador.

Coracini (1991) critica a ideia de que um texto científico, ao seguir um formato objetivo e estruturado, automaticamente elimina todas as intenções e contextos subjacentes ao processo de pesquisa. Ela argumenta que as marcas linguísticas e estruturais do texto não são suficientes para determinar sua objetividade ou subjetividade, pois é essencial considerar o componente pragmático, ou seja, a situação de enunciação e as relações estabelecidas entre os enunciadores. Dessa forma, a autora sugere uma abordagem que integre uma análise mais profunda das intenções comunicativas e das escolhas interpretativas feitas pelos pesquisadores ao redigir seus artigos científicos.

A autora argumenta que a maioria das afirmações no discurso científico primário são apresentadas de forma ativa. O próprio objeto de análise assume o papel de sujeito agente, sendo ele quem se apresenta, provoca transformações, age e reage, e conduz à elaboração de conclusões específicas:

a) Os tempos verbais funcionam como um recurso argumentativo, influenciando a percepção sobre a ação e a temporalidade dos eventos descritos.

b) Apesar do desejo de imparcialidade e neutralidade, o discurso científico revela sua subjetividade no uso dos tempos verbais, formas modais, construções ativas e passivas. Esses recursos linguísticos não apenas descrevem a realidade objetiva, mas também refletem escolhas interpretativas e posicionamentos do pesquisador.

c) Não é possível estabelecer regras absolutas que determinem se um texto é objetivo ou subjetivo sem considerar os parâmetros situacionais, as normas discursivas vigentes, os objetivos de comunicação e as condições específicas de produção do texto.

d) O conceito de objetividade e subjetividade é relativo à comunidade interpretativa. Para alguns, a objetividade é mantida pela função dêitica e não necessariamente comprometida pelo uso da primeira pessoa, enquanto para outros, a presença da primeira pessoa pode ser vista como um rompimento dessa objetividade.

Dessa maneira, percebemos que o discurso científico, ao usar diferentes recursos linguísticos como os tempos verbais, formas modais e construções gramaticais, não apenas descreve a realidade objetiva, mas também reflete as escolhas interpretativas e os posicionamentos do pesquisador. Apesar da busca pela imparcialidade e neutralidade, a subjetividade se manifesta na seleção desses recursos, influenciando a forma como os dados são apresentados e interpretados.

Assim, o conceito de objetividade e subjetividade no discurso científico não pode ser entendido de maneira absoluta, mas sim relativo às normas e práticas discursivas de uma comunidade interpretativa específica. A compreensão completa requer a consideração das condições de produção, das intenções comunicativas e das expectativas situacionais que moldam a construção do conhecimento científico.

### 3 TRAJETO METODOLÓGICO

Neste capítulo, descrevemos as abordagens e técnicas utilizadas para coletar e analisar os dados desta pesquisa. Do ponto de vista da forma de abordagem do problema, esta pesquisa é qualitativa, já do ponto de vista dos procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa documental, a qual se baseia “em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (Prodanov, 2013, p. 55).

Esta investigação está dividida em 6 principais etapas: levantamento bibliográfico, coleta de dados, que compreende a seleção das revistas e seleção dos artigos, análise dos artigos, apresentação e sistematização dos resultados da pesquisa e discussão dos resultados.

Primeiramente, o levantamento bibliográfico envolveu a sistemática busca, identificação, seleção e análise de fontes teóricas com o propósito de situar o estudo dentro do contexto existente, embasar teoricamente a investigação e identificar as principais correntes de pensamento no conhecimento relacionados ao tema de pesquisa.

Em seguida, foram selecionadas as revistas qualis A1 da área de linguística para compor o corpus da pesquisa, a saber: Cadernos de Estudos Linguísticos da Associação Brasileira de Estudos Linguísticos (ABRALIN) e Revista de Estudos da Linguagem da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPLL). Optamos por revistas classificadas como qualis A1 por serem reconhecidos por sua contribuição significativa para o avanço do conhecimento na área de linguística, além de possuírem um público-alvo que se alinha estreitamente aos objetivos e foco temático da pesquisa em questão. Foram levados em consideração critérios como o fator de impacto, a relevância na área e o histórico de publicação de artigos relacionados à temática da pesquisa.

Ao analisar artigos publicados em revistas de alto impacto, a pesquisa pretende contribuir para o debate sobre o papel do sujeito na linguagem científica e para uma reflexão sobre a importância da subjetividade na construção do conhecimento na área da Linguística.

A partir das revistas selecionadas, foram escolhidos os artigos que fazem parte do corpus da pesquisa. Um dos critérios gerais para seleção dos artigos envolveu a abordagem de temáticas relacionadas à linguística e à subjetividade. Os critérios de seleção serão detalhados no tópico 5.2. A análise dos artigos foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa, com foco na identificação e interpretação das marcas de subjetividade presentes nos textos. Foram utilizadas técnicas de análise linguística para identificar o uso de elementos linguísticos que

possam indicar a presença de marcas de subjetividade, como o uso de pronomes pessoais, verbos modais e adjetivos.

A partir da análise dos artigos, foram identificadas as categorias de pessoa, espaço e tempo e os elementos de Éthos e Páthos presentes nos textos. Os resultados obtidos foram discutidos em relação às questões centrais da pesquisa, que é: como a subjetividade se apresenta em artigos científicos publicados em revistas qualis A1 da área de Linguística e Literatura? Qual o papel da subjetividade na construção dos efeitos de sentido nesses textos?. Assim, apresentamos as principais conclusões da pesquisa, bem como suas implicações para a produção de artigos científicos na área de linguística.

Por fim, elaboramos uma discussão e conclusão que sintetizou os principais resultados e reflexões da pesquisa, bem como apontamos possíveis contribuições para a construção do conhecimento da área de linguística e para a reflexão sobre a subjetividade na escrita acadêmica.

### 3.1 DA ESCOLHA DAS REVISTAS

Como mencionado brevemente no tópico anterior, as revistas selecionadas na coleta de dados desta pesquisa foram: Cadernos de Estudos Linguísticos da Associação Brasileira de Estudos Linguísticos (ABRALIN) e a Revista de Estudos da Linguagem da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL).

A Associação Brasileira de Linguística, conhecida como ABRALIN, foi estabelecida em 9 de janeiro de 1969, com uma estrutura organizacional sem fins lucrativos. Sua sede e foro estão localizados no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), situado na cidade de Campinas, estado de São Paulo. A ABRALIN é constituída por um número ilimitado de associados, que são admitidos de acordo com as disposições estatutárias e regulamentares da associação. A entidade é regida por seu Estatuto, seu Regimento Interno, as determinações e normas emitidas pelo Conselho Deliberativo, além da legislação aplicável (ABRALIN, [s.d.]).

Já a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) teve sua origem em maio de 1984, durante uma reunião realizada nos dias 21 e 22, em Brasília. A ANPOLL tem como característica fundamental a associação de programas de pós-graduação em Letras e Linguística, visando uma atuação conjunta junto às agências de fomento e aos fóruns responsáveis pelas políticas de pesquisa e pós-graduação no Brasil. Além disso, a associação promove a colaboração entre Grupos de Trabalho (GTs) temáticos, que

representam a base da dinâmica intelectual da organização. Desde 1995, a ANPOLL também é responsável pela publicação da Revista da ANPOLL, que seleciona artigos com base em uma temática estabelecida para cada edição, com foco nos campos da Linguística e da Literatura (ANPOLL, [s.d.]).

Assim sendo, a escolha das revistas científicas Qualis A1 da ABRALIN e da ANPOLL nesta pesquisa é justificada pelo fato de que ambas são associações de linguística de grande visibilidade e têm como objetivo principal fomentar o avanço do conhecimento na área. Além disso, as revistas científicas dessas associações têm um histórico de publicação de artigos que passam por um rigoroso processo de avaliação por pares antes de serem publicados.

Ademais, ambas as revistas possuem uma história de publicação de artigos que abordam temáticas relacionadas à linguagem que são fundamentais para a pesquisa em questão. Dessa forma, a escolha dessas revistas foi deliberada, visando aprimorar a discussão sobre o papel do sujeito na construção do discurso científico. Por fim, a escolha das revistas Qualis A1 da ABRALIN e da ANPOLL se justifica também pelo fato de que a pesquisa busca questionar a obrigatoriedade de se escrever um artigo científico objetivo para ser publicado e destacar os pontos relevantes de ver como o sujeito se marca no próprio texto.

Dessa maneira, a pesquisa em questão tem como objetivo contribuir para o debate sobre o papel do sujeito na linguagem científica, destacando que, embora o discurso científico exija uma objetividade na escrita, não é possível dissociar o sujeito do seu dizer. Ou seja, o sujeito está sempre presente no discurso científico, mesmo que de forma implícita, e suas escolhas linguísticas podem contribuir para a construção de um *éthos* e/ou *páthos* no texto científico.

Ao analisar artigos científicos publicados em revistas Qualis A1 da área de Linguística, pretendemos identificar as marcas de subjetividade presentes no discurso científico e destacar como o sujeito se faz presente em sua escrita. Isso permite que reflitamos sobre o papel do sujeito na construção do conhecimento científico e questionemos a ideia de que a objetividade na escrita científica é sempre necessária.

Assim, ao chamar a atenção para a presença do sujeito no discurso científico, buscamos incentivar uma maior reflexão sobre a relação entre a subjetividade e a objetividade na escrita científica, e como isso pode influenciar a construção do conhecimento na área da Linguística e em outras áreas do conhecimento.

### 3.2 DA ESCOLHA DOS ARTIGOS

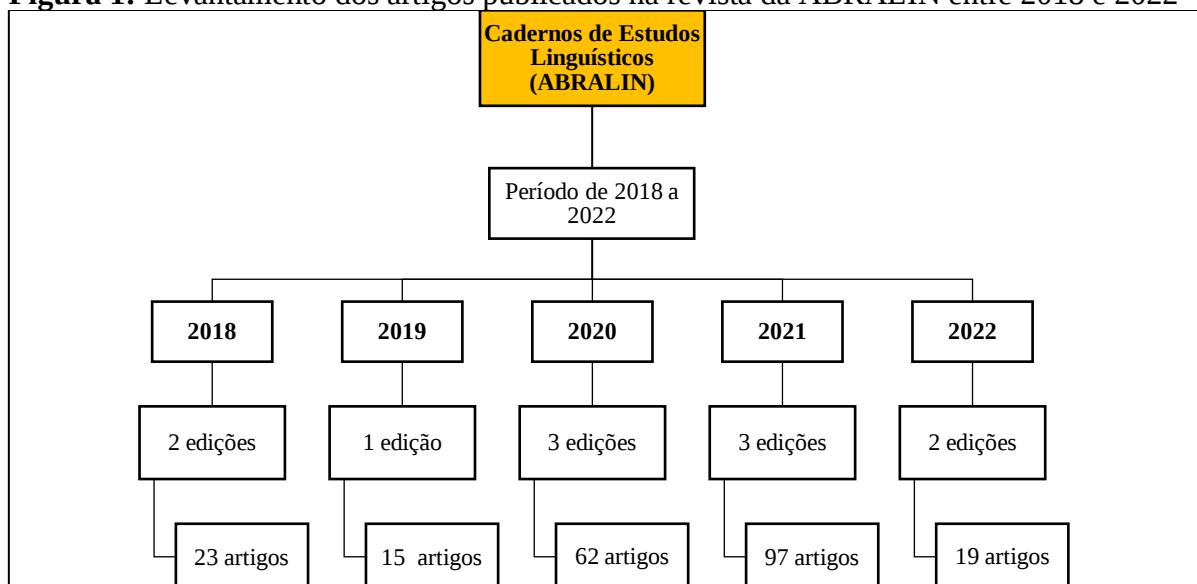
A escolha das revistas e dos artigos para análise na pesquisa em questão seguiu alguns critérios preestabelecidos para garantir a relevância e qualidade do material analisado.

Como mencionado anteriormente, no que diz respeito às revistas, foram selecionadas as que possuem maior relevância na área de Linguística, utilizando como critério o fator de impacto e a classificação Qualis/CAPES A1. Consideramos, também, o histórico de publicação de artigos relacionados à temática da pesquisa. No que diz respeito à escolha dos artigos, foram levados em consideração alguns critérios, como: artigos publicados nas revistas selecionadas, no período de 2018 a 2022; artigos que abordem temáticas relacionadas à linguística e à subjetividade; e artigos que apresentem como parte ou totalidade do referencial teórico a Teoria da enunciação e conceitos de enunciado, subjetividade e/ou sujeito.

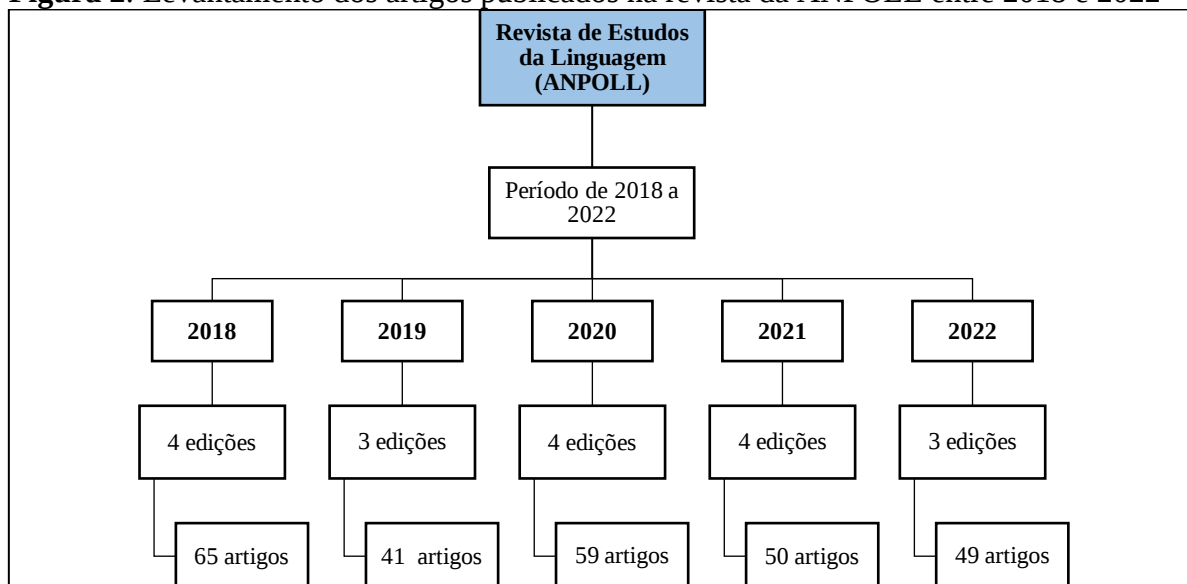
Cabe ressaltar que a seleção dos artigos foi feita por meio de uma busca eletrônica nas bases de dados especializadas, utilizando-se palavras-chave que se relacionem à temática da pesquisa. Realizamos a escolha final dos artigos por meio da leitura dos resumos e da avaliação dos critérios mencionados acima.

Dessa forma, realizamos a pesquisa nos dois periódicos selecionados. Em seguida, ocorreu a organização dos artigos publicados em cada edição entre os anos de 2018 e 2022. Os fluxogramas, a seguir, ilustram a quantidade de artigos encontrados e publicados em cada ano, sendo que o fluxograma 1 representa a coleta de dados da revista *Cadernos de Estudos Linguísticos (ABRALIN)* e o fluxograma 2 a *Revista de Estudos da Linguagem (ANPOLL)*.

**Figura 1:** Levantamento dos artigos publicados na revista da ABRALIN entre 2018 e 2022



Fonte: elaborada pela autora.

**Figura 2:** Levantamento dos artigos publicados na revista da ANPOLL entre 2018 e 2022

Fonte: elaborada pela autora.

Após realizarmos o levantamento da quantidade total de artigos publicados nas revistas durante o período selecionado, procedemos à primeira etapa de seleção. Nessa fase, efetuamos a leitura dos títulos para verificar a afinidade com a temática abordada nesta pesquisa, centrada no sujeito e na subjetividade, levando também em consideração a menção desses termos no título.

Essa primeira etapa resultou na identificação de 15 artigos que apresentavam uma temática similar, seguindo nossos critérios de inclusão. Destes, 7 foram identificados na revista Cadernos de Estudos Linguísticos (ABRALIN) e 8 na Revista de Estudos da Linguagem (ANPOLL). As características desses artigos estão detalhadas no Quadro 1, incluindo informações como periódico, edição, título, autor e ano.

**Quadro 1:** Características gerais dos artigos selecionados inicialmente

| Nº | Periódico                                  | Edição                                                         | Título                                                                                                            | Autor             | Ano  |
|----|--------------------------------------------|----------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------|------|
| 1  | Cadernos de Estudos Linguísticos (ABRALIN) | 1ª edição: Contribuições da Psicolinguística - Volume temático | Sujeito gramatical e objeto direto: gramática da fala versus “gramática” da escrita no português brasileiro.      | Magalhães e Silva | 2018 |
| 2  | Cadernos de Estudos Linguísticos (ABRALIN) | 1ª edição: Publicação contínua 2020                            | Espaços de subjetivação discursiva: o funcionamento da autoria em textos autobiográficos da Psicologia Analítica. | Abreu             | 2020 |

|   |                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |                                                                                                                              |                      |      |
|---|--------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------|------|
| 3 | Cadernos de Estudos Linguísticos (ABRALIN) | 1ª edição:<br>Publicação contínua 2020                                                                                                                                                                                                                                                                       | Modo Enunciativo e a Modalização em Memórias de Emília de Monteiro Lobato.                                                   | Amaral               | 2020 |
| 4 | Cadernos de Estudos Linguísticos (ABRALIN) | 3ª edição:<br>“Descrição funcional das línguas naturais”<br>“Discursos da cena política brasileira em análise: a (des)construção da educação”<br>“Tradição discursiva e historicidade da língua e do texto”<br>“Procedimentos e métodos para a avaliação de falantes do português como língua a”             | E daí? O sujeito fora e dentro da cena de sua fala                                                                           | Souza                | 2020 |
| 5 | Cadernos de Estudos Linguísticos (ABRALIN) | 3ª edição:<br>“Descrição funcional das línguas naturais”<br>“Discursos da cena política brasileira em análise: a (des)construção da educação”<br>“Tradição discursiva e historicidade da língua e do texto”<br>“Procedimentos e métodos para a avaliação de falantes do português como língua a”             | O imperativo em variação na escrita mineira: o papel do sujeito e das seções das cartas                                      | Carvalho             | 2020 |
| 6 | Cadernos de Estudos Linguísticos (ABRALIN) | 3ª edição:<br>“Migrações e refúgio: abordagens discursivas”<br>“Historiografia da Linguística”<br>“Estudos de argumentação multimodal em distintas perspectivas”<br>“O letramento acadêmico na universidade e na escola”<br>“Gêneros de texto orais e práticas investigativas: relações teóricas e práticas” | Modes of subjectivation, éthos and the “Pathway of passions”: a theoretical-methodological apparatus for rhetorical analysis | Pimenta e Figueiredo | 2021 |
| 7 | Cadernos de Estudos Linguísticos (ABRALIN) | 3ª edição:<br>“Migrações e refúgio: abordagens discursivas”<br>“Historiografia da Linguística”                                                                                                                                                                                                               | Éthos no discurso publicitário e os efeitos discursivos                                                                      | Lopes e Sousa        | 2021 |

|    |                                          |                                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                           |                        |      |
|----|------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------|------|
|    |                                          | <p>“Estudos de argumentação multimodal em distintas perspectivas”</p> <p>“O letramento acadêmico na universidade e na escola”</p> <p>“Gêneros de texto orais e práticas investigativas: relações teóricas e práticas”</p> |                                                                                                                           |                        |      |
| 8  | Revista de Estudos da Linguagem (ANPOLL) | 3ª edição: “Edição Especial dos 30 anos do GT Teoria da Gramática da Anpoll”                                                                                                                                              | Uma análise unificada para sujeitos inovadores (nulos e manifestos) na gramática do português brasileiro                  | Pilati, Naves e Salles | 2018 |
| 9  | Revista de Estudos da Linguagem (ANPOLL) | 4ª edição: Estudos Literários                                                                                                                                                                                             | O sertão como Paisagem: a relação subjetiva do espaço em Galileia, de Ronaldo Correia de Brito                            | Andrade                | 2020 |
| 10 | Revista de Estudos da Linguagem (ANPOLL) | 1ª edição: Estudos Linguísticos                                                                                                                                                                                           | ‘Novos’ sujeitos na gramática infantil do português brasileiro                                                            | Quarezemin e Rezende   | 2021 |
| 11 | Revista de Estudos da Linguagem (ANPOLL) | 2ª edição: Por uma análise foucaultiana dos discursos                                                                                                                                                                     | Sujeito-corpo-discurso violentado: uma análise de enunciados-sentença jornalísticos sobre o estupro feminino              | Bertola e Navarro      | 2022 |
| 12 | Revista de Estudos da Linguagem (ANPOLL) | 2ª edição: Por uma análise foucaultiana dos discursos                                                                                                                                                                     | A palavra de ordem é emagreça! O autocontrole e a autorregulação dos corpos dos sujeitos na revista AnaMaria.             | Costa e Garré          | 2022 |
| 13 | Revista de Estudos da Linguagem (ANPOLL) | 2ª edição: Por uma análise foucaultiana dos discursos                                                                                                                                                                     | Discurso, corpo utópico e escrita de/em si.                                                                               | Witzel                 | 2022 |
| 14 | Revista de Estudos da Linguagem (ANPOLL) | 2ª edição: Por uma análise foucaultiana dos discursos                                                                                                                                                                     | Do enunciável ao visível e do visível ao enunciável: as cintilações e reverberações presentes em manifestações feministas | Brandão e Júnior       | 2022 |
| 15 | Revista de Estudos da Linguagem (ANPOLL) | 2ª edição: Por uma análise foucaultiana dos discursos                                                                                                                                                                     | A interação professor-aluno como prática de subjetivação docente                                                          | Bazza                  | 2022 |

Fonte: elaborado pela autora.

Em seguida, procedemos com a análise dos resumos de cada artigo, com o objetivo de identificar aqueles que não apenas tratavam de questões relevantes para os campos da

linguística e da subjetividade, mas também apresentavam uma importância teórica substancial para nossa pesquisa. Este critério de seleção foi estabelecido para garantir uma abordagem mais abrangente e aprofundada, buscando artigos que não apenas explorassem os elementos centrais da linguagem e da subjetividade, mas que também contribuíssem teoricamente para o escopo de nossa investigação. Além disso, consideramos também a relação dos artigos com a teoria da enunciação, bem como conceitos como enunciado, subjetividade e sujeito, como parte do processo de seleção.

Dessa forma, após a análise dos resumos, selecionamos 05 artigos que satisfizeram os critérios estabelecidos. Esses artigos foram escolhidos por abordarem questões relevantes no âmbito da linguística e da subjetividade, além de apresentarem uma conexão com a teoria da enunciação, assim como com conceitos como enunciado, subjetividade e sujeito.

Os artigos 1, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 12, 13 e 14 foram excluídos da seleção devido ao foco mais específico em questões relacionadas ao sujeito gramatical e ao sujeito da análise do discurso. Optamos por priorizar artigos que abordassem de forma mais ampla e abrangente as relações entre linguística e subjetividade, bem como aqueles que explorassem a teoria da enunciação e conceitos relacionados de maneira mais integrada. Dessa forma, os artigos selecionados estariam mais alinhados com os objetivos e o escopo da nossa investigação.

Os estudos selecionados foram compilados no Quadro 2.

**Quadro 2:** Características dos artigos selecionados para análise

| Nº   | Periódico                                  | Título do artigo                                                                                                  | Autor e ano  | Recorte teórico                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|------|--------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ART1 | Cadernos de Estudos Linguísticos (ABRALIN) | Espaços de subjetivação discursiva: o funcionamento da autoria em textos autobiográficos da Psicologia Analítica. | Abreu (2020) | Este artigo utiliza os conceitos da Análise do Discurso, com ênfase nas instâncias de autoria propostas por Dominique Maingueneau, para analisar a constituição da autorialidade em textos autobiográficos, especialmente na Psicologia Analítica. A partir da imbricação das instâncias de enunciação - pessoa, inscitor e escritor -, investiga-se como a subjetividade é inscrita nos enunciados, demonstrando como a identidade autoral é construída e percebida na cenografia que a enunciação estabelece. Além disso, o estudo dos regimes de inscrição da subjetividade aborda a associação das noções de imagem de autor e gestão da obra, evidenciando como esses aspectos contribuem para a construção da |

|             |                                            |                                                                            |                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|-------------|--------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------|----------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|             |                                            |                                                                            |                      | identidade autoral e para a circulação dos enunciados no campo discursivo da Psicologia.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>ART2</b> | Cadernos de Estudos Linguísticos (ABRALIN) | Modo Enunciativo e a Modalização em Memórias de Emília de Monteiro Lobato. | Amaral (2020)        | O recorte teórico deste artigo se baseia na Teoria Semiolinguística de Charaudeau (2010) e utiliza como corpus diálogos da obra "Memórias de Emília", de Monteiro Lobato, para analisar as relações de influência entre a boneca Emília e outras personagens, como Visconde, anjinho e tia Nastácia. A análise é realizada a partir dos processos de modalização, buscando identificar os posicionamentos do autor em relação a temas importantes. Através da voz da personagem Emília, o autor expressa valores e críticas associadas ao contexto histórico e social, desmitificando estereótipos e apresentando uma visão mais realista da infância. Essa abordagem permite compreender como Lobato utiliza o enunciado da boneca para transmitir sua mensagem e explorar questões sociais e políticas. |
| <b>ART3</b> | Cadernos de Estudos Linguísticos (ABRALIN) | Éthos no discurso publicitário e os efeitos discursivos.                   | Lopes e Sousa (2021) | O recorte teórico deste artigo está fundamentado na Análise de Discurso Semiolinguística, com base nos trabalhos de Charaudeau (2010a, 2010b, 2013). Esta abordagem teórica considera o sujeito linguageiro como um produto do discurso e um ser social. O objetivo principal do artigo é investigar a construção do éthos masculino no discurso publicitário, especialmente em anúncios de perfume. Para isso, são analisados os efeitos discursivos provocados nos interlocutores pelos anúncios. Dessa forma, o artigo busca compreender como o discurso publicitário constrói e influencia a subjetividade masculina, especialmente em relação ao consumo, evidenciando a relação entre discurso, identidade e sociedade de consumo.                                                                  |

|             |                                          |                                                                                                               |                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|-------------|------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>ART4</b> | Revista de Estudos da Linguagem (ANPOLL) | Sujeito-corpo-discurso violentado: uma análise de enunciados-sentença jornalísticos sobre o estupro feminino. | Bertola e Navarro (2022) | O recorte teórico deste artigo está fundamentado nos Estudos Discursivos Foucaultianos, os quais exploram como o poder se manifesta nos discursos e na produção de conhecimento. O objetivo é compreender como a mulher estuprada é objetivada e representada nos textos da mídia jornalística, questionando como o sujeito e seu corpo são visibilizados nessas sentenças. As noções foucaultianas de vontade de verdade e de poder são utilizadas para analisar como o discurso jornalístico constrói a vítima de estupro e legitima determinadas verdades que a culpabilizam. O estupro é abordado como um mecanismo de dominação, e a análise das notícias visa evidenciar como esses discursos contribuem para a culpabilização das vítimas. Os procedimentos teórico-analíticos aplicados fornecem uma base sólida para investigar as interseções entre sujeito, verdade e poder na representação midiática do estupro. |
| <b>ART5</b> | Revista de Estudos da Linguagem (ANPOLL) | A interação professor-aluno como prática de subjetivação docente.                                             | Bazza (2022)             | O recorte teórico deste artigo é fundamentado na perspectiva discursiva, especialmente nos pressupostos teóricos lançados por Michel Foucault. O estudo busca compreender como a interação entre professor e aluno é discursivamente construída e como isso influencia a formação da identidade dos professores. A relação com a teoria da enunciação se dá através da análise dos discursos presentes em textos de sites jornalísticos e redes sociais sobre educação no Brasil. A pesquisa examina como esses discursos constroem representações da prática docente e dos professores, considerando conceitos como enunciado, subjetividade e sujeito. Assim, o estudo busca elucidar como a interação professor-aluno é percebida e interpretada nos diferentes discursos, e como isso                                                                                                                                     |

|  |  |  |  |                                                           |
|--|--|--|--|-----------------------------------------------------------|
|  |  |  |  | contribui para a construção da subjetivação dos docentes. |
|--|--|--|--|-----------------------------------------------------------|

Fonte: elaborado pela autora.

Nesse sentido, avançaremos com a análise desses estudos, examinando a manifestação da subjetividade em artigos científicos veiculados em revistas qualis A1. Investigaremos de que maneira as categorias de pessoa, espaço e tempo são integradas nesses artigos, examinaremos as escolhas linguísticas dos autores para entender como contribuem para a construção de seu *éthos* e *páthos* nos artigos científicos em análise, e abordaremos os efeitos de sentido resultantes das marcas de subjetividade presentes nos artigos acadêmicos.

### 3.3 DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Neste estudo, as análises foram embasadas nas perspectivas teóricas abordadas no capítulo 2, visando uma compreensão da manifestação da subjetividade em artigos científicos na área de Linguística e Literatura. Foram consideradas as categorias propostas por Émile Benveniste, assim como as abordagens de Fiorin, Agamben e Coracini sobre subjetividade, objetividade e efeitos de sentido na linguagem acadêmica.

- Categorias de pessoa, espaço e tempo de Benveniste

As análises partiram da delimitação de Benveniste em relação às categorias de pessoa, espaço e tempo na linguagem. Os verbos e pronomes foram examinados para identificar a presença do sujeito e as marcas de subjetividade nos textos. Essa abordagem permitiu uma compreensão da maneira como os autores constroem sua relação com o discurso, evidenciando suas vozes individuais na produção acadêmica.

- Abordagem de Fiorin sobre Éthos e Páthos do sujeito

A análise também incorporou a perspectiva de Fiorin sobre *éthos* e *páthos* do sujeito, considerando como os autores constroem suas imagens nos textos científicos. Investigamos como a imagem do locutor/enunciador (*éthos*) vai em direção a imagem do interlocutor/enunciatário (*páthos*) na instância de produção dos enunciados.

- Efeitos de sentido de objetividade e subjetividade

Os efeitos de sentido gerados pela objetividade e subjetividade nos textos acadêmicos foram analisados com base na perspectiva de Fiorin. Examinamos as diferentes formas de

manifestação da subjetividade e objetividade, bem como a relação entre estas e a presença do sujeito no discurso acadêmico. Discutimos também a objetividade científica e sua implicação no discurso acadêmico com base nas abordagens de Agamben e Coracini.

#### 4 A TRADIÇÃO CIENTÍFICA: [APAGAMENTOS DAS] IMAGENS DE SI

*A opacificação do discurso se realiza mediante estratégias de uma subjetividade que se ausenta enquanto sistemática dêitica. Basta pensar na 'demonstração científica' e no jogo de esconde-esconde da subjetividade. Trata-se evidentemente de um afastamento ilusório e a opacidade é mais persuasiva que real: o sujeito em retração exerce de fato todos os estratégias manipulatórios aptos a fazer crer precisamente que o discurso demonstrativo é 'neutro' e 'objetivo'.*

- H. Parret

A abordagem analítica deste capítulo foi estruturada para examinar as diferentes formas como a subjetividade se manifesta na produção acadêmica, destacando as nuances entre a presença explícita do autor e sua dissimulação por trás de uma suposta objetividade científica. Nosso objetivo principal é analisar como a subjetividade se manifesta em artigos científicos publicados em revistas Qualis A1, especificamente nos Cadernos de Estudos Linguísticos da Associação Brasileira de Estudos Linguísticos (ABRALIN) e na Revista de Estudos da Linguagem da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL).

Inicialmente, focamos nos textos em que o sujeito e suas marcas de subjetividade se destacam. Identificamos e analisamos o uso de verbos na primeira pessoa, pronomes pessoais e outros dispositivos linguísticos que revelam a presença ativa do autor na construção do texto. Esses elementos linguísticos, como as narrativas em primeira pessoa, permitem uma conexão entre o autor e o leitor, evidenciando uma perspectiva pessoal e subjetiva.

Em seguida, examinamos as formas como o autor se oculta por trás de verbos na terceira pessoa e outras estratégias de escrita que buscam transmitir uma aparência de objetividade. Exploramos como a linguagem objetiva e distanciada pode obscurecer a presença do autor e suas opiniões subjacentes, criando uma ilusão de neutralidade e imparcialidade.

Ao longo dessa análise, as discussões sobre a questão da subjetividade desempenham um papel central. Observamos que, mesmo quando o autor tenta se ocultar, a subjetividade ainda se manifesta de maneira sutil através das escolhas linguísticas e da construção textual. Portanto, a subjetividade não pode ser completamente eliminada do discurso científico, sendo um elemento intrínseco à produção acadêmica.

Para tanto, analisamos como as categorias de pessoa, espaço e tempo são incorporadas aos artigos; investigamos como as escolhas linguísticas dos autores contribuíram para a construção de seu *éthos* e *páthos* nos artigos científicos analisados; e discutimos os efeitos de sentido resultantes das marcas de subjetividade apresentadas nos artigos acadêmicos. Ao destacar esses objetivos específicos, aprofundamos o debate sobre a relação entre subjetividade e objetividade na pesquisa científica, promovendo uma reflexão crítica sobre nossa própria posição enquanto pesquisadores e produtores de conhecimento.

#### 4.1 ESCONDE-ESCONDE DA SUBJETIVIDADE

Conforme apontado por Benveniste (2005), a realidade da subjetividade está intrinsecamente ligada ao exercício da linguagem, especialmente no contexto do discurso. É na instância do discurso que o locutor se enuncia como "sujeito", e é através da linguagem que essa subjetividade se manifesta. Neste contexto teórico, este tópico aborda a presença do sujeito em evidência nos artigos analisados, destacando como os autores se posicionam e se expressam dentro do texto acadêmico. Para ilustrar essa questão, o primeiro artigo analisado tem 21 páginas e tem como título “Espaços de subjetivação discursiva: o funcionamento da autoria em textos autobiográficos da Psicologia Analítica” (Abreu, 2020).

O artigo 01, doravante ART1, utiliza os conceitos da Análise do Discurso, com ênfase nas instâncias de autoria propostas por Dominique Maingueneau, para analisar a constituição da autorialidade em textos autobiográficos, especialmente na Psicologia Analítica. Ele é dividido em 6 tópicos, a saber: Introdução, Autorialidade e instâncias de enunciação, A cenografia autobiográfica, O fantasma do autor e Considerações finais. O fragmento 01 foi recortado do resumo do trabalho.

#### Fragmento 01 – ART1

**Este artigo propõe** uma análise do funcionamento discursivo das instâncias de enunciação em textos autobiográficos, situando-se no quadro conceitual da Análise do discurso (MAINGUENEAU, 2016a). **O objetivo é** investigar o modo como os eventos enunciativos do corpus instituem um regime de subjetivação no qual se inscrevem imagens de autor. **Dialogo** com os conceitos da Análise do discurso francesa, **a fim de estudar** como a cenografia discursiva legitima a enunciação, constituindo um problema do ponto de vista da autorialidade. **O estudo mobiliza** as noções de funcionamento de autoria e cenografia, **a fim de reafirmar** a tese de que o enunciador cria as condições da própria enunciação. **Trabalho** com um corpus composto de textos autobiográficos de Carl Gustav Jung (1875-1961) – fundador da Psicologia Analítica –, **considerando** os enunciados como a materialidade de um posicionamento específico, de um discurso constituinte. **A análise apresentada demonstra** que, no texto autobiográfico Livro Vermelho, a cenografia subscreve a

subjetividade autoral e legitima a fala individual como campo de estudos validado por uma “Obra”.

No Fragmento 01, observamos um jogo entre as pessoas do discurso, no qual o autor transita entre a terceira pessoa e a primeira pessoa. Essa alternância contribui para uma clara demarcação entre o que se refere à pesquisa em si e o posicionamento pessoal do autor em relação ao objeto de estudo.

O autor inicia o fragmento utilizando a terceira pessoa do singular, referindo-se ao "artigo" e à proposta de análise, estabelecendo uma objetividade inicial. No decorrer do texto, há uma transição para a primeira pessoa do singular, indicando a participação direta do autor na pesquisa e no diálogo com os conceitos da Análise do Discurso.

Essa alternância entre terceira e primeira pessoa pode ser compreendida à luz da explicação de Benveniste (1976, p. 288), que esclarece que o "eu se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor", ou seja, o sujeito, ele mesmo, estabelece esse estatuto de sujeito. Ao inserir-se no discurso, o autor manifesta seu papel ativo na construção do conhecimento.

A utilização da terceira pessoa para se referir ao "artigo" e à "proposta de análise" cria uma distância objetiva, conferindo à pesquisa uma aparência imparcial e acadêmica. Benveniste (1976) ainda destaca que as formas pronominais, embora vazias sozinhas, ganham significado atreladas a outros signos. Nesse contexto, a terceira pessoa do singular assume um papel significativo na demarcação inicial da pesquisa, contribuindo para a objetividade formal exigida pela tradição acadêmica.

A transição subsequente para a primeira pessoa do singular, ao abordar os conceitos e o corpus, revela o envolvimento pessoal do autor, criando uma conexão direta com o tema em análise. Benveniste (1976) também ressalta que as formas pronominais não significam sozinhas, tornando-se vazias quando desvinculadas de outros signos. Nesse contexto, a alternância entre terceira e primeira pessoa é estrategicamente controlada para enquadrar a subjetividade dentro dos limites aceitáveis do discurso acadêmico.

Ao reconhecer que o "estudo mobiliza as noções de funcionamento de autoria e cenografia", o autor evidencia uma posição crítica sobre o impacto da subjetividade na construção do conhecimento. A perspectiva de Benveniste (1976) sobre o status de pessoa e não-pessoa reforça a análise do autor em relação ao afastamento entre o eu/nós e o ele, evidenciando a distinção entre as diferentes perspectivas na enunciação.

A estratégia adotada pelo autor, que oscila entre a terceira e primeira pessoa do singular, evidencia um jogo entre a imparcialidade demandada pela tradição acadêmica e a manifestação da subjetividade inerente à pesquisa. Contudo, ao considerar os aspectos linguísticos do texto, é perceptível que essa alternância não resulta em uma verdadeira subversão da tradição imparcial, mas sim em um movimento para objetivar o discurso.

Ao iniciar o fragmento com a referência à terceira pessoa do singular, delineando o escopo da análise e apresentando a proposta de pesquisa, o autor adere à norma acadêmica que demanda distanciamento e objetividade. Esse emprego inicial da terceira pessoa cria uma ilusão de neutralidade, inserindo a pesquisa em um contexto formal e impessoal. Por outro lado, essa alternância feita pelo autor funciona como uma estratégia argumentativa, evidenciando a subjetividade de quem escreveu o texto, uma vez que se trata de escolhas subjetivas de como compor o texto.

Além disso, uma observação pertinente é o uso de termos que substituem o autor ao assumir a terceira pessoa, personificando elementos do universo acadêmico. No excerto, o "artigo" é o primeiro agente a aparecer, desempenhando a função de sujeito e não como um adjunto adverbial, como em "Neste artigo proponho...". Esse deslocamento atribui a ação do sujeito ("propor") ao objeto personificado ("artigo"). Tal escolha linguística sugere que o "artigo" possui agência própria, o que é uma estratégia discursiva que confere autonomia ao texto acadêmico.

A ordem em que as instâncias discursivas aparecem tem efeitos significativos de sentido. A primeira pessoa do singular ("eu") surge apenas no terceiro período do excerto, subordinando-se ao "artigo". Essa estrutura indica que o "eu" faz parte do "artigo" e não o contrário, sugerindo que o autor se dissolve na produção acadêmica. Essa hierarquização discursiva reflete a tendência de objetivar o estudo, colocando o foco na produção e nos resultados, em vez de na figura do sujeito.

A primeira pessoa é usada quando o autor se refere à sua relação com a teoria e à escolha do corpus, evidenciando um "eu" fixo e enraizado. Em contrapartida, os movimentos da pesquisa, como propor, objetivar e demonstrar, são enunciados na terceira pessoa. Isso cria a impressão de que o "eu" é estático, enquanto o "artigo" e o "estudo" são dinâmicos, realizando as ações da pesquisa.

Assim, embora o autor insira marcas evidentes de subjetividade no texto, a análise dos aspectos linguísticos revela que essas inserções são controladas para se adequarem às convenções da tradição acadêmica, evidenciando também uma estratégia subjetiva de distanciamento. Há um reconhecimento pragmático por parte do autor de que a imparcialidade

é essencial para legitimar a pesquisa dentro do contexto científico. Essa estratégia, ao mesmo tempo que permite a expressão do *éthos*, reforça a compreensão do autor sobre os limites e as expectativas do discurso acadêmico, visando a "objetivação" necessária para o reconhecimento e validação pela comunidade científica.

## Fragmento 02 – ART1

Com o objetivo de analisar enunciados psicológicos desde o prisma da ordem do discurso, **abordarei** o regime de subjetivação que opera em textos autobiográficos assinados pelo psicólogo suíço Carl Gustav Jung (1875-1961). **Mobilizarei** os conceitos de instâncias de enunciação, cenografia, paratopia, imagem de autor, comunidade discursiva e gestão da obra, inserindo este estudo no quadro teórico da Análise do discurso (MAINGUENEAU, 2016a).

No fragmento apresentado, o qual integra a introdução do ART1, observamos a presença da subjetividade linguística, que se manifesta de maneira menos comum na tradição científica devido ao uso da primeira pessoa do singular. O autor, ao utilizar expressões como "abordarei" e "mobilizarei", assume uma postura pessoal e direta, revelando-se como um sujeito ativo e "dono" do discurso que está prestes a desenvolver.

Benveniste (1976) esclarece que quando são mencionados o pronome pessoal "eu" e o verbo conjugado na primeira pessoa do singular, essas formas linguísticas revelam a subjetividade dentro do texto. As condições de pessoa no verbo alteram o sentido dele, conferindo uma dimensão pessoal ao discurso, o que está alinhado com a escolha do autor no fragmento.

A incorporação das categorias de pessoa, espaço e tempo evidenciam-se na referência à figura de Carl Gustav Jung, que é abordada na terceira pessoa do singular. Benveniste (1974, p. 73) destaca que “o tempo linguístico está organicamente ligado ao exercício da fala, sendo definido como função do discurso”. Nesse contexto, ao mencionar Jung como objeto de análise e destacar o autor como agente que conduzirá a investigação, o texto sugere uma conexão entre a função do discurso e a atribuição de papéis dentro do texto. O autor não apenas identifica Jung como o foco da análise, mas também posiciona a si mesmo como o agente responsável por conduzir e orientar a investigação sobre Jung, o que demonstra como as escolhas linguísticas e a estrutura do discurso são influenciadas pelo papel e pela perspectiva do autor.

Quanto às escolhas linguísticas, a utilização de termos técnicos confere ao autor competência teórica. No entanto, a presença da primeira pessoa do singular sugere uma abordagem mais subjetiva e envolvida com o tema, distanciando-se da objetividade estrita associada à tradição científica.

Tal quebra da norma acadêmica tradicional, ao revelar o sujeito como o condutor ativo da pesquisa, pode impactar a percepção do *éthos* do autor. A explicitação do papel do autor como sujeito que "abordará" o tema introduz uma dinâmica diferente, conferindo uma dimensão pessoal e singular à pesquisa. Além disso, essa explicitação das escolhas é uma característica de vários textos acadêmicos, mas recorrente no artigo analisado.

No entanto, é importante ressaltar que essa abordagem também implica em certos riscos, como o potencial questionamento da objetividade e imparcialidade do autor. A presença do sujeito como "dono" do discurso pode gerar discussões sobre a validade e generalização dos resultados, uma vez que a subjetividade do pesquisador está explicitamente inserida na narrativa acadêmica.

Outro ponto a ser considerado nesse fragmento também diz respeito aos verbos "abordarei" e "mobilizarei". Ambos reduzem o raio de ação do enunciador como autor da pesquisa. Nesses verbos, o foco principal recai sobre o objeto da ação (o que será abordado e mobilizado) e não sobre o sujeito que executa a ação (quem aborda e mobiliza). Essa escolha linguística diminui a visibilidade do enunciador enquanto agente ativo do discurso, enfatizando o conteúdo e os conceitos mobilizados em detrimento do papel do pesquisador. Isso cria um efeito de distanciamento, em que o "eu" do pesquisador se torna secundário em relação ao aparato teórico e ao objeto de estudo.

### Fragmento 03 – ART1

Ao abordar os enunciados autobiográficos ligados à constituição histórica da Psicologia Analítica **considero-os** no espaço interdiscursivo; como, pois, referir seu estatuto, se o Livro vermelho institui um regime de enunciação que impõe um rito de escrita próprio?

O Fragmento 03 foi retirado do terceiro tópico do artigo, no qual o autor apresenta o *corpus* da pesquisa e inicia suas análises. Em tal fragmento se destaca a presença da primeira pessoa do singular na expressão "considero-os," o que implica um posicionamento pessoal e subjetivo do autor em relação aos enunciados autobiográficos da Psicologia Analítica. Essa escolha linguística possui implicações significativas na análise do texto.

Benveniste (2005) afirma que a utilização da primeira pessoa do singular, manifestada no termo "considero-os," introduz uma dimensão subjetiva ao discurso. Nesse caso, o autor assume uma postura mais pessoal ao expressar sua perspectiva sobre os enunciados autobiográficos. A utilização da primeira pessoa do singular não apenas adiciona uma camada subjetiva à análise, mas também pode ter um efeito persuasivo, pois o autor assume a

responsabilidade direta por suas considerações e interpretações. A expressão "considero-os" sugere uma reflexão, conferindo ao autor uma autoridade percebida em suas análises dos enunciados autobiográficos.

Em resumo, a presença da primeira pessoa do singular na expressão "considero-os" no Fragmento 03 confere ao autor um papel ativo na interpretação dos enunciados autobiográficos, introduzindo subjetividade e uma dimensão reflexiva à análise. Essa escolha linguística evidencia o envolvimento direto do autor no processo de avaliação, contextualização e compreensão dos elementos discursivos em questão, contribuindo para uma abordagem mais pessoal e interpretativa no estudo da Psicologia Analítica.

Esse movimento de sujeito em evidência também pode ser observado no artigo 02 (ART2). Tal pesquisa intitula-se “Modo Enunciativo e a Modalização em Memórias de Emília de Monteiro Lobato” (Amaral, 2020). A pesquisa se baseia na Teoria Semiolinguística de Charaudeau (2010) e utiliza como corpus diálogos da obra "Memórias de Emília", de Monteiro Lobato, para analisar as relações de influência entre a boneca Emília e outras personagens, como Visconde, anjinho e tia Nastácia. Os tópicos principais são assim dispostos no trabalho: Introdução, O criador e a criatura, Embasamento teórico, Análise do modo enunciativo e Considerações finais. O fragmento 04 foi retirado da introdução do estudo.

#### Fragmento 04 – ART2

Este estudo, parte da **minha pesquisa de mestrado**, aborda tanto aspectos literários quanto linguísticos, pois **elegemos**, como corpus, diálogos entre Emília e as demais personagens, Visconde, tia Nastácia e anjinho, na obra Memórias de Emília, de Monteiro Lobato, **que serão analisados** a partir da concepção do Modo Enunciativo e, particularmente, da Modalização proposta por Charaudeau (2010).

No Fragmento 04, a presença do pronome possessivo "minha" em "minha pesquisa de mestrado" introduz uma dimensão subjetiva ao texto, e, de acordo com Fiorin (1999), estabelece um efeito de identificação entre o sujeito da enunciação (a autora) e o sujeito do enunciado (a pesquisa de mestrado). O autor discute que as marcas do éthos do enunciador estão presentes na seleção do tema, na elaboração dos personagens, nos gêneros selecionados, no nível de linguagem empregado, no ritmo da narrativa, nas figuras de linguagem utilizadas, entre outros aspectos (Fiorin, 1999).

No caso específico do trecho analisado, o uso do pronome possessivo "minha" na expressão "minha pesquisa de mestrado" sugere uma apropriação pessoal da autora em relação ao objeto de estudo. Esse tipo de construção estabelece uma conexão direta entre a pesquisadora

como sujeito e a pesquisa como seu objeto, gerando um efeito de identificação entre ambos. Ou seja, a escolha do pronome possessivo é uma das marcas do *éthos* do enunciador, conforme discutido por Fiorin, pois reflete a identidade e a posição da autora no discurso acadêmico.

Uma vez que a primeira pessoa verbal carrega consigo a correlação de personalidade e corresponde, portanto, à pessoa subjetiva, por ser interior ao enunciado (Benveniste, 1976), essa escolha linguística transcende a neutralidade objetiva frequentemente associada à linguagem acadêmica, permitindo que a autora se posicione como sujeito ativo e envolvido na pesquisa.

Além disso, no fragmento, apesar do uso do pronome possessivo “minha pesquisa”, o enunciado começa com “este estudo aborda” ao invés de “eu abordo neste estudo”. O uso de “minha” em “minha pesquisa de mestrado” parece menos uma assunção de posição do enunciador e mais uma simples informação sobre a fonte, indicando que o sujeito é o responsável pela pesquisa. Este uso destaca a posse do mestrado, mas não necessariamente a presença ativa do sujeito no processo de pesquisa.

A análise do excerto revela uma utilização estratégica da voz passiva e da escalaridade no discurso. A frase “serão analisados” utiliza uma voz passiva sem agente explícito quando se trata da análise dos diálogos, resultando em um apagamento do sujeito. Isso cria um efeito de escalaridade: começa com “minha pesquisa” (indicando posse), passa para “elegemos” (usando o plural de modéstia que dilui a responsabilidade individual) e culmina em “serão analisados” (apagando totalmente o sujeito conforme a teoria de Benveniste).

O uso do tempo futuro nos verbos, como “serão analisados”, ao invés de “analiso” ou “analisei”, implica uma diferente construção da relação do enunciador com o objeto de pesquisa. Representar a análise como algo no futuro sugere que o estudo ainda está por ser realizado, o que pode transmitir uma sensação de continuidade e desenvolvimento. Por outro lado, o uso do presente ou do passado indicaria que a análise está acontecendo no momento ou que já foi realizada, criando uma conexão mais imediata e concreta com o objeto de estudo.

Portanto, uso do pronome possessivo “minha” informa sobre a fonte sem enfatizar a posição ativa do sujeito. A voz passiva em “serão analisados” apaga o sujeito, criando um efeito de distanciamento, enquanto o tempo futuro projeta a análise como um evento futuro, reforçando a ideia de um trabalho em progresso. Essas escolhas discursivas moldam a percepção do sujeito e do objeto de estudo, conferindo uma estrutura particular à narrativa acadêmica.

## Fragmento 05 – ART2

Assim sendo, para analisar as estratégias enunciativas encenadas no âmbito dessa ficção lobatiana, **foi necessário** um segundo recorte no corpus, a partir da seleção de diálogos da boneca com seus vários interlocutores. Por essa razão **foram selecionados** apenas os diálogos realizados em discurso direto, considerando que a obra possui um narrador em terceira pessoa e que os personagens Emília e Visconde se transformam, cada um a seu tempo, em enunciadores importantes.

No trecho fornecido, observamos uma transição para escolhas sintáticas mais objetivas e impessoais em relação ao início do artigo, em que a autora utiliza o pronome possessivo "minha" para se referir à pesquisa. Essa mudança sugere uma transição para uma linguagem mais técnica, com foco na descrição dos procedimentos metodológicos.

A expressão "para analisar as estratégias enunciativas encenadas no âmbito dessa ficção lobatiana" inicia o trecho de maneira impessoal, indicando o objetivo geral da pesquisa sem fazer referência direta à autora. A escolha por uma linguagem objetiva sugere a transição para uma abordagem técnica, com ênfase na metodologia empregada na análise.

Embora a autora não se refira explicitamente a si mesma nesse trecho, a escolha dos procedimentos metodológicos e a explicação das razões por trás dessas escolhas ainda refletem a perspectiva da pesquisadora. A presença do sujeito é indireta, mas persiste na tomada de decisões metodológicas, como podemos ver em “**foram selecionados**”. Essa ideia é reforçada pela teoria de Benveniste (1976), que ressalta a relação entre o tempo e o espaço do sujeito, identificado como "eu", e a instância espacial e temporal da enunciação. Segundo ele, esses domínios coexistem e complementam informações sobre o sujeito, demonstrando como o contexto temporal e espacial influencia a percepção do "eu" no discurso. Assim, a escolha dos procedimentos metodológicos não apenas reflete a perspectiva da pesquisadora, mas também revela sua interação com o contexto temporal e espacial da enunciação.

A mudança para escolhas sintáticas mais objetivas e impessoais neste trecho contribui para a formalidade e a precisão metodológica da pesquisa. Apesar dessa objetividade, a presença subjacente da pesquisadora como sujeito persiste nas escolhas metodológicas, reforçando a ideia de que, mesmo quando "escondido" na linguagem impessoal, o sujeito ainda exerce influência significativa nas decisões acadêmicas.

A expressão “foi necessário” é impessoal e apresenta a decisão do sujeito de forma objetiva, como se fosse uma necessidade inerente ao estudo, e não uma escolha deliberada. Isso diminui a visibilidade do sujeito como agente da decisão, atribuindo uma certa inevitabilidade à ação. Essa escolha linguística reforça a impressão de objetividade e neutralidade, afastando a subjetividade do enunciador.

A expressão “seleção de diálogos” é um exemplo de nominalização, que substitui um verbo que poderia estar na primeira pessoa, como “selecionei”. Essa técnica, junto com as orações impessoais, contribui para o apagamento da subjetividade do enunciador. Em vez de enfatizar a ação do sujeito, a nominalização coloca o foco no resultado da ação, o que pode criar uma sensação de distanciamento e impessoalidade no texto.

### Fragmento 06 – ART3

**Este artigo tem o objetivo de investigar** a construção do ethos masculino no discurso publicitário a partir dos efeitos discursivos que provocam nos interlocutores. **Para realizar nosso estudo**, temos como aporte teórico a Análise de Discurso Semiolinguística, teoria que considera o sujeito linguageiro ser feito de discurso e ser social (CHARAUDEAU, 2010a). Para tratar o ethos masculino, partimos de Charaudeau (2013); para caracterizar o discurso publicitário, utilizamos conceitos aportados por Charaudeau (2010b).

O excerto analisado, que pertence ao resumo do artigo 3 intitulado “Éthos no discurso publicitário e os efeitos discursivos”, apresenta o objetivo e o quadro teórico de um artigo que investiga a construção do ethos masculino no discurso publicitário, com base nos efeitos discursivos sobre os interlocutores. A seguir, apresento uma análise detalhada considerando verbos, pronomes, tempos verbais e outros elementos discursivos, com base nas sugestões anteriores.

O enunciado “Este artigo tem o objetivo de investigar” inicia o texto de forma impessoal, focando no objeto de estudo (o artigo) em vez de destacar o sujeito que realiza a pesquisa. Essa escolha promove a objetividade e a formalidade, distanciando o sujeito enunciador e colocando o foco no propósito do trabalho.

A frase “Para realizar nosso estudo, temos como aporte teórico” utiliza o plural de modéstia “nosso”, que dilui a responsabilidade individual do sujeito enunciador, apresentando a pesquisa como um esforço coletivo ou institucional. Os verbos utilizados, como “tem”, “partimos” e “utilizamos”, estão no presente do indicativo, o que sugere uma ação contínua e atual. Essa escolha cria uma sensação de imediatismo, indicando que a pesquisa está em andamento ou é relevante no momento atual.

A análise do excerto revela uma estratégia discursiva que promove a objetividade e a impessoalidade através do uso de expressões impessoais e plural de modéstia. O foco está no objeto de estudo (o artigo) e nos processos analisados (efeitos discursivos), enquanto o sujeito enunciador é discretamente posicionado em segundo plano. Os verbos no presente indicam a relevância atual da pesquisa, e as referências teóricas conferem autoridade ao estudo.

### Fragmento 07 – ART3

Diante dessa proposta de encenação da linguagem, **podemos perceber** que o mundo falado por esses sujeitos tem dupla representação: quando o mundo é considerado no circuito de fala corresponde a uma representação discursiva, ou discursivização; quando o mundo é considerado no circuito externo **compreende** a uma representação da situação de comunicação, ou seja, lugar que estabelece as instruções que determinam a expectativa da troca. Nesse contexto, discursivização refere-se ao “lugar onde se instituem, sob o efeito das instruções da situação, as diferentes “maneiras de dizer “mais ou menos codificadas” (CHARAUDEAU, 2010c, p. 2).

O excerto analisado apresenta a proposta teórica sobre a encenação da linguagem e as diferentes representações do mundo falado por sujeitos em contextos de comunicação. Ele se encontra no referencial teórico do artigo 3. Os verbos utilizados, como “perceber” e “compreende”, estão no presente do indicativo, criando uma sensação de imediatismo e atualidade na análise. Isso sugere que as observações feitas são válidas e relevantes agora, reforçando a importância contínua da teoria apresentada.

Em consonância com as perspectivas de Benveniste (1976) e Fiorin (1996) sobre a relação entre linguagem, subjetividade e objetividade, investigamos também as estratégias utilizadas pelos autores para dissimular sua presença no texto acadêmico. Benveniste (1976) argumenta que a linguagem oferece formas linguísticas que cada locutor se apropria, definindo-se como eu e outrem como tu, enquanto Fiorin (1996) distingue entre a debragem enunciativa, que produz um efeito de subjetividade, e a debragem enunciva, que busca criar uma objetividade ilusória. Nesse contexto, exploramos como a imagem do autor é transposta na enunciação, analisando as técnicas empregadas para criar uma aparência de imparcialidade e objetividade no texto acadêmico. Ao abordar essas estratégias de afastamento do enunciador do seu próprio texto, buscamos compreender como a objetividade científica é construída.

O fragmento a seguir integra a introdução do artigo 04 (ART4), este se compõe das seguintes seções: Introdução, O dispositivo da culpabilização sob a perspectiva foucaultiana, Efeitos da culpabilização em enunciados-sentença jornalísticos, e Considerações finais; possuindo 18 páginas. A pesquisa tem como título “Sujeito-corpo-discurso violentado: uma análise de enunciados-sentença jornalísticos sobre o estupro feminino”.

O artigo discute como a mídia jornalística representa a mulher estuprada, utilizando os Estudos Discursivos Foucaultianos. Ele explora como o sujeito e seu corpo são tratados em enunciados sobre estupro, considerando as noções de verdade e poder. O objetivo é entender como o discurso midiático contribui para a culpabilização das vítimas, tratando o estupro como

um mecanismo de dominação. O texto apresenta procedimentos teórico-analíticos para investigar essa representação nas notícias.

#### **Fragmento 08 – ART4**

Isso posto, na **tentativa de interrogar** o processo que faz do corpo violentado da mulher um objeto de discurso em textos jornalísticos, **este artigo esforça-se em descrever os efeitos de poder e de verdade** que possibilitam a emergência de sentenças em discursos da mídia jornalística brasileira, **a fim de se realizar**, minimamente que seja, uma crítica do presente, a partir do que é dado a conhecer sobre a sociedade em que vivemos.

No Fragmento 06, o autor utiliza uma linguagem que expressa uma postura reflexiva em relação ao tema abordado, que é a representação do corpo feminino violentado nos textos jornalísticos. De acordo com Fiorin (1999, p. 154), “é preciso considerar que o enunciatário não é um ser passivo, que apenas recebe as informações produzidas pelo enunciador, mas é um produtor do discurso, que constrói, interpreta, avalia, compartilha ou rejeita significações”, ou seja, o autor ressalta a atuação ativa do enunciatário na construção e interpretação do discurso.

Nesse sentido, o autor do fragmento se posiciona como alguém que reconhece a participação do leitor na produção de significados. Ao afirmar que o artigo "esforça-se em descrever os efeitos de poder e de verdade" presentes nos discursos da mídia jornalística brasileira, o autor demonstra uma postura investigativa. Isso contribui para a construção de um Éthos de autoridade intelectual, comprometido com a análise e a busca pela compreensão do fenômeno discutido.

O uso da expressão "tentativa de interrogar" denota uma abordagem questionadora em relação ao tema da violência contra a mulher, o que pode despertar sentimentos de empatia e preocupação no leitor. A menção à "crítica do presente" sugere uma intenção de promover mudanças sociais e uma consciência ativa sobre os problemas enfrentados pela sociedade. Esse apelo pode inspirar uma resposta emocional no leitor, fortalecendo a conexão entre o autor e seu público e contribuindo para a construção de um Páthos de engajamento e preocupação com a temática discutida.

Apesar de não haver o uso explícito da primeira pessoa, o autor revela sua subjetividade por meio das escolhas linguísticas e argumentativas presentes no texto. Expressões como "tentativa de interrogar" e "crítica do presente" refletem a posição do autor diante do tema discutido.

Mesmo seguindo uma linguagem mais objetiva, a presença da subjetividade do autor é perceptível, sugerindo sua participação ativa na construção do discurso. Assim, embora o

sujeito possa parecer "escondido" por trás de uma linguagem mais impessoal, suas escolhas linguísticas e argumentativas revelam sua presença e sua perspectiva, revelando que o fundamento da subjetividade se encontra no exercício da linguagem (Benveniste, 1976).

O verbo “esforça-se” é utilizado para descrever a ação do artigo, personificando o texto como o agente da ação. Ao invés de afirmar “eu me esforço” ou “nós nos esforçamos”, o sujeito enunciador escolhe atribuir a ação ao artigo, criando um efeito de deslocamento da ação do sujeito para o objeto. Isso contribui para a construção de um discurso mais impessoal e objetivo.

A frase “na tentativa de interrogar o processo” é uma nominalização que substitui uma possível construção verbal mais direta, como “tentamos interrogar”. A nominalização e as orações impessoais, como “a fim de se realizar”, servem para apagar a subjetividade do enunciador, focando mais nos processos e efeitos do discurso do que nas ações do sujeito.

O uso do tempo presente nos verbos, como em “descrever” e “possibilitam”, cria um senso de imediatismo e relevância contínua. Isso sugere que as ações descritas estão acontecendo agora, aumentando a urgência e a relevância do estudo. A expressão “a fim de se realizar, minimamente que seja, uma crítica do presente” indica um objetivo social e crítico do estudo. O uso da forma impessoal “se realizar” novamente evita a menção direta do sujeito, reforçando a impessoalidade e o foco no impacto social da pesquisa.

#### Fragmento 09 – ART4

Na prática discursiva sob investigação **tal dinástica diz** sobre e **nos faz ver** uma mulher-corpo violentado-culpabilizada que é propriedade do homem. Mais ainda, essa pequena série enunciativa nos dá a conhecer a objetivação da mulher nesta formação histórica da dominação masculina, mesmo que esta pareça estar, na superfície textual dos enunciados-sentença, revestida de notícia. Retomando o argumento de Foucault (2006b), segundo o qual as “lettre de cachet” assemelhavam-se a pequenas notícias que mostravam, o poder sobre os homens infames, os enunciados-sentença **posicionam** as vítimas como mulheres quase infames pelos atos que provocaram o estupro. Participam de um domínio associativo que **gravita** em torno de um enunciado reitor, do tipo: “elas poderiam ter sido mais cautelosas e observado a ordem que se impõe sobre si mesmas.”

O trecho analisado faz parte da análise dos dados do artigo 4 e revela a dinâmica discursiva em que a mulher-corpo é representada como violentada e culpabilizada, tratada como propriedade do homem dentro de um contexto histórico de dominação masculina. A seguir, apresento uma análise considerando pronomes, verbos e tempo verbal.

Os verbos como “diz”, “nos faz ver”, “posicionam” e “gravita” estão no presente do indicativo, o que cria uma sensação de imediatismo e relevância contínua das observações feitas. Isso indica que o discurso analítico está ocorrendo no momento presente, ressaltando a

importância atual dos temas discutidos. A expressão “nos faz ver” enfatiza a percepção compartilhada e a objetividade da análise, evitando uma identificação direta do sujeito enunciador. Isso contribui para apagar a subjetividade individual, mantendo o foco nas representações analisadas.

A alternância entre estilos e vozes pode obscurecer o fato de que o texto consiste principalmente na reprodução de enunciados alheios. Essa observação destaca que, embora a escrita possa ser envolvente e fluída, ela fundamentalmente reflete o pensamento de outros autores, criando um efeito superficial de movimento sem alterar a estrutura constitutiva do texto.

Sendo assim, a análise do excerto revela uma estratégia que utiliza pronomes demonstrativos, verbos no presente do indicativo e referências teóricas para promover a objetividade e a relevância do discurso. O uso desses recursos ajuda a construir um argumento robusto sobre a representação da mulher como vítima de violência sexual e sua culpabilização dentro de um contexto histórico de dominação masculina. A referência a Foucault adiciona profundidade histórica à análise, mostrando como práticas discursivas contemporâneas ecoam formas históricas de exercício de poder sobre corpos femininos.

#### Fragmento 10 – ART5

**Este trabalho propõe discutir** a discursivização da interação professor-aluno e sua relação com a constituição de subjetividades de docente. Tal recorte **faz parte** de uma pesquisa maior, que **reconhece uma luta de saberes e poderes** em torno de questões educacionais no Brasil, a qual se acirrou nos últimos cinco anos e teve como consequência a produção de um vasto arquivo sobre Educação, dentro do qual, também se constituíram diversos processos de subjetivação do professor. Para tanto, **parte-se de uma perspectiva discursiva**, calcada nos pressupostos teóricos lançados por Michel Foucault, mobilizando noções como discurso, verdade e dispositivo, em uma série enunciativa composta de textos que circularam em sites jornalísticos e em redes sociais.

No trecho, retirado do resumo do artigo 5, não há uso direto de pronomes pessoais como "eu" ou "tu", o que sugere um distanciamento do enunciador. Isso pode ser visto como uma estratégia para apresentar a pesquisa de forma objetiva. O éthos é reforçado pela referência a teorias estabelecidas e pela contextualização da pesquisa dentro de um campo de estudo maior (“Parte-se de uma perspectiva discursiva, calcada nos pressupostos teóricos lançados por Michel Foucault...”). O páthos é discretamente presente na escolha de termos que evocam a seriedade e a complexidade das questões educacionais discutidas (“...reconhece uma luta de saberes e poderes em torno de questões educacionais no Brasil...”).

O fragmento inicializa com a expressão “Este trabalho propõe discutir”, utilizando o verbo “propõe” para indicar a intenção e o objetivo central da pesquisa. Assim, o trecho inicial do texto revela estratégias discursivas que podem estar relacionadas à modalização, em que o sujeito parece adotar um posicionamento mais objetivo e distanciado, buscando não deixar transparecer sua subjetividade de forma explícita.

No entanto, é importante observar que esse uso pode diminuir a centralidade do enunciador como autor da pesquisa, pois o argumento principal acaba centrando-se no objeto “trabalho” e não no sujeito que conduz a pesquisa. Isso sugere uma menor ênfase na responsabilidade individual na ação de propor a discussão, o que pode resultar em uma abordagem mais distanciada e objetiva.

O uso de verbos no futuro e no passado do indicativo, como "propõe", "faz parte", "reconhece", "teve como consequência" e "constituíram", sugere uma tentativa de distanciamento e objetividade. Esses verbos situam as ações e reconhecimentos dentro de um quadro temporal claro, mas também podem indicar uma formulação cuidadosa para evitar uma exposição direta da subjetividade do autor.

O uso de estratégias que evitam uma exposição direta da subjetividade pode, de certa forma, diminuir a presença e a validação do sujeito como enunciador do texto. Ao optar por modalizações e construções que parecem minimizar a intervenção pessoal, o enunciador pode correr o risco de tornar sua voz menos perceptível ou influente no discurso.

### Fragmento 11 – ART5

**A presente discussão buscou** historicizar uma das práticas que objetivam o docente, **demonstrando** como dispositivos diversos atuam na construção e circulação de uma subjetividade de afetivo/acolhedor como verdadeira. **Esse percurso foca** menos em descrever uma subjetividade nova ou inusitada e mais em **possibilitar a reflexão** sobre o que sustenta a subjetividade de bom professor. Em um momento histórico em que muitos professores sentem o peso de uma visão negativa por parte da sociedade, pensar sobre o que (n)os constitui assim é uma forma de luta, porque permite resistir e porque possibilita o exercício refletido da subjetivação.

O fragmento do artigo 5 faz parte das considerações finais do estudo. No texto analisado, os verbos utilizados como "buscou", "demonstrando", "foca" e "possibilita" indicam uma ação contínua de reflexão e análise. Eles são fundamentais na construção de sentido, pois não apenas descrevem as ações realizadas (como a historicização e a reflexão), mas também orientam o leitor sobre o propósito e o foco do texto.

Por outro lado, esses verbos deslocam a ação da pesquisa para o trabalho em si, sugerindo que as análises e reflexões são realizadas pelo próprio texto ou pelo objeto de estudo, em vez de serem atribuídas diretamente ao sujeito enunciador.

Os tempos verbais utilizados, como o passado ("buscou") e o presente ("foca", "possibilita"), contribuem para criar uma atmosfera de distanciamento do sujeito. O uso do passado sugere que as ações de pesquisa e reflexão já foram concluídas, enquanto o presente indica uma ação contínua e atual, mas não necessariamente atribuída ao sujeito em si, mas ao texto como entidade autônoma.

Embora o texto possa adotar uma abordagem mais distanciada para alcançar objetividade, é importante reconhecer que as escolhas linguísticas são inevitavelmente moldadas pela perspectiva do sujeito. Mesmo ao usar uma linguagem objetiva, as modalizações presentes no texto ainda refletem as interpretações e as perspectivas individuais do sujeito enunciador, como sugere a teoria de Benveniste sobre a inseparabilidade entre linguagem e subjetividade.

Portanto, o distanciamento do sujeito na linguagem do texto, através do uso de verbos na terceira pessoa e da transferência da ação para o trabalho em si, pode sugerir uma tentativa de objetividade, mas não necessariamente exclui a presença e a influência do sujeito na construção do discurso. As modalizações linguísticas continuam a refletir a subjetividade do enunciador, mesmo que de maneira indireta, demonstrando que linguagem e subjetividade estão intrinsecamente ligadas, conforme discutido por Benveniste.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, foi possível analisar a relação entre a subjetividade e a objetividade na produção acadêmica. Inicialmente, inspirada pela epígrafe de Victor Hugo, refletimos sobre a inevitabilidade da morte e a existência contínua do "eu". Este trecho evoca a tensão entre a presença e a ausência, o reconhecimento do "eu" e a rejeição simultânea desta identidade, o que espelha de maneira notável a dinâmica presente na escrita acadêmica.

Victor Hugo nos diz: "Ah! É mesmo verdade que morrerei antes do fim do dia? é mesmo verdade que serei eu?" Este questionamento sobre a identidade e a existência ante a morte reflete o dilema do sujeito acadêmico, que se oculta por trás de uma aparente objetividade enquanto sua subjetividade ressoa através do texto. Assim como Hugo descreve um "eu" que se move, respira, e é consciente de sua presença e ausência, o autor acadêmico se coloca alhures, buscando manter uma imagem de imparcialidade, mas inevitavelmente deixando "ecos" de sua própria voz.

Este trabalho foi estruturado para examinar essas nuances, analisando como a subjetividade do autor emerge mesmo em textos que buscam uma postura objetiva. Analisamos verbos na primeira pessoa, pronomes pessoais e outros dispositivos linguísticos que revelam a presença ativa do autor, além de explorar estratégias que buscam ocultar essa presença.

A partir dos textos publicados nas revistas qualis A1, especificamente nos Cadernos de Estudos Linguísticos da ABRALIN e na Revista de Estudos da Linguagem da ANPOLL, identificamos que a linguagem científica, embora aparente ser objetiva, está sempre permeada por escolhas subjetivas. Mesmo na ausência explícita do "eu", as escolhas linguísticas e argumentativas revelam a subjetividade do autor.

Os objetivos traçados no início deste estudo foram alcançados. Analisamos como a subjetividade se manifesta em artigos científicos e como ela contribui para a construção dos efeitos de sentido nos textos acadêmicos. Verificamos a incorporação das categorias de pessoa, espaço e tempo, e como estas são utilizadas pelos autores para construir seu *éthos* e *páthos*. Identificamos que, mesmo quando o autor tenta se ocultar atrás de uma linguagem aparentemente neutra, suas escolhas linguísticas traem sua presença e suas intenções subjetivas.

Os resultados demonstraram que a tentativa de se ocultar completamente é, em última análise, falha, pois a linguagem carrega consigo traços indeléveis de quem a utiliza. A objetividade científica, portanto, é uma construção que, embora útil e necessária, não é absolutamente neutra. Os textos analisados mostraram que as marcas de subjetividade não

apenas emergem, mas desempenham um papel na construção dos efeitos de sentido e na comunicação científica.

Assim, este estudo contribui para a compreensão da subjetividade na produção acadêmica e reforça a importância de reconhecer e analisar essas marcas subjetivas. A linguagem, em sua essência, é uma ferramenta de expressão humana, carregada de nuances pessoais, e este reconhecimento é fundamental para uma leitura consciente dos textos acadêmicos.

Concluimos que a presença do autor na escrita acadêmica é inevitável, mesmo quando oculta. A linguagem científica está imbuída de subjetividade, e a ilusão de uma completa objetividade é justamente isso – uma ilusão. Assim como Hugo conclui seu monólogo com a dolorosa aceitação de que "eu" vou morrer, reconhecemos que a presença do autor na escrita acadêmica é inevitável, mesmo quando disfarçada.

Eu sei que “eu” vou morrer, mas eu não. Eu sei que “eu” que escrevi, mas eu não. Esta dualidade encapsula a essência do que exploramos: a contínua luta entre a presença e a ausência do sujeito no discurso acadêmico, e como essa presença, embora muitas vezes disfarçada, nunca é completamente erradicada.

## REFERÊNCIAS

- ABRALIN. **Estatuto da Associação Brasileira de Linguística**. Disponível em: <https://www.abralin.org/site/estatuto/>. Acesso em: 17 fev. 2024.
- ANPOLL. **Sobre a ANPOLL**. Disponível em: <https://anpoll.org.br/2022/sobre-a-anpoll/>. Acesso em: 17 fev. 2024.
- AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História**. Destruição da experiência e origem da história. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- ARISTÓTELES [384-322 a.C.]. **A Retórica**. 2 ed., revista. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- ARISTÓTELES. **Da Interpretação**. Tradução José Veríssimo Teixeira da Mata. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- BALLY, C. **Linguistique générale et linguistique française**. 2 ed. Paris: Éditions Francke Berne, 1948.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5 ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2005.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. v. 8. Série 5ª. São Paulo: Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- BRÉAL, M. **Ensaio de semântica**. São Paulo: Pontes/Educ, 1992 [1897].
- CORACINI, Maria José. **Um fazer persuasivo**. O discurso subjetivo da ciência. São Paulo: Pontes, 1991.
- FIORIN, José Luiz. **Em busca do sentido**: estudos discursivos. São Paulo: Contexto, 2008.
- GUIMARÃES, E. Prefácio “A linguística é uma ciência histórica?”. In: BRÉAL, M. **Ensaio de semântica**. São Paulo: Pontes/Educ, 1992 [1897].
- MARTINS, H. Três caminhos na filosofia da linguagem. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos, volume 3.5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Org Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio à edição brasileira de Isaac Nicolau Salum. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- TEIXEIRA, M; FLORES, V. **Linguística da Enunciação**: uma entrevista com Marlene Teixeira e Valdir Flores. *ReVEL*, v. 9, n. 16, 2011.
- ZANDWAIS, A. Demarcando relações entre enunciado e enunciação a partir de diferentes leituras. **Revista Interfaces**, v. 2, n. 1, p. 14-22, 2011.